

I Setembro Surdo: Comemoração do dia Nacional dos Surdos  
*Linguística, Educação, Tradução, Ensino de Libras e suas Literaturas*  
Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, 26 a 28 de setembro de 2022

**MIRIAM ROYER**  
**LUCAS ROMÁRIO**  
ORGANIZADORES



I Setembro Surdo: Comemoração do dia Nacional dos Surdos  
*Linguística, Educação, Tradução, Ensino de Libras e suas Literaturas*  
Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, 26 a 28 de setembro de 2022



**I Setembro Surdo: Comemoração do dia Nacional dos Surdos**  
*Linguística, Educação, Tradução, Ensino de Libras e suas Literaturas*  
Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, 26 a 28 de setembro de 2022

**ORGANIZADORES**

Miriam Royer  
Lucas Romário

**REVISÃO FINAL**

Natália Brito Bessa

**NORMALIZAÇÃO**

Ana Lúcia Lucio Pinheiro  
Bárbara Larissa Alexandre Filgueira Mota

Dados internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Cariri  
Sistema de Bibliotecas

---

S495 Setembro Surdo: Comemoração do dia Nacional dos surdos linguística, educação, tradução, ensino de libras e suas literaturas (1.: 2022, Juazeiro do Norte, CE).  
I Setembro Surdo: comemoração do dia nacional dos surdos linguística, educação, tradução, ensino de libras e suas literaturas [resumos expandidos], 26 a 28 de setembro de 2022 / organizado por Miriam Royer e Lucas Romário da Silva. - Juazeiro do Norte: UFCA, 2022.

76 p.; il. color. PDF.

Universidade Federal Cariri (UFCA) – Curso de Licenciatura em Letras- Libras.  
ISBN 978-65-88329-40-5

1. Educação de surdos. 2. Linguística. 3. Tradução - interpretação. 4. Ensino de Libras - literaturas I. Royer, Miriam. II. Silva, Lucas Romário da.

CDD 371.912

---

Bibliotecária: Glacínésia Leal Mendonça – CRB 3/925



## SUMÁRIO

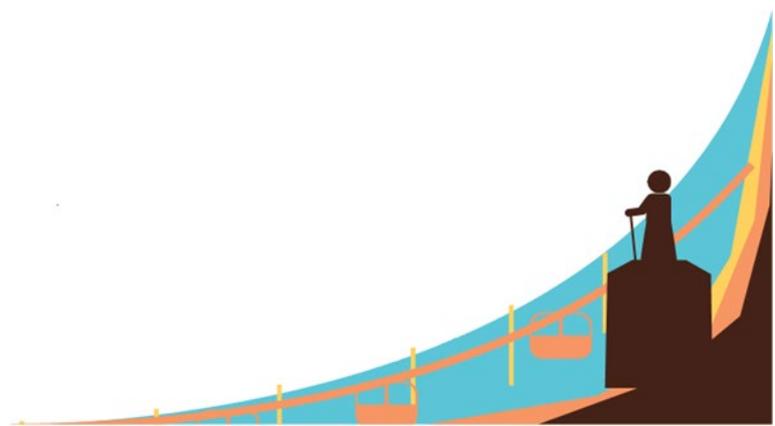
<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>FORMAÇÃO DE PROFESSORES E AS PRÁTICAS DE METODOLOGIAS VISUAIS NA CONSTRUÇÃO DA LEITURA E ESCRITA DO ALUNO SURDO .....</b>	<b>8</b>
Geórgia Maria de Alencar Maia, Francineuma Euzébio Fulgêncio, Juliana Bezerra Moraes, Monaliza Moura Alves do Amaral e Alessandro Sena de Oliveira	
<b>FORÇA DA LIBRAS – RELATO DE EXPERIÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DE JOGO DIDÁTICO .....</b>	<b>15</b>
Aristides Daniel de Aguiar, Raimundo Evandro Duarte Filho, Antônio Daley Marques do Nascimento, Débora de Vasconcelos Souza Conrado e Mariana Farias Lima	
<b>A IMPORTÂNCIA DE USAR DIVERSOS ESTILOS DE METODOLOGIAS NO ENSINO EM SALA DE AULA: RELATO DE EXPERIÊNCIA .....</b>	<b>21</b>
Júlia Batista Alves, Tainara Reis Gonçalves, Lucas Romário e Bruna Ataíde de Lima Lopes	
<b>LIBRAS: LÍNGUA E ARTEFATO CULTURAL .....</b>	<b>25</b>
Janaina Oliveira Bezerra, André Luiz Teles Aguiar, Amélia Rodrigues Amorim Araujo e Cleuma Aparecida Barbosa Gonçalves Felix	
<b>CURSOS FIC DE LIBRAS E A VERTICALIZAÇÃO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO IFCE CAMPUS ACOPIARA .....</b>	<b>29</b>
Cauê Jucá Ferreira Marques e Raquece Mota Honório Cruz	
<b>SER PIBIDIANA NO CONTEXTO REMOTO .....</b>	<b>35</b>
Maria Magda Vieira Trajano Alves, Maria Tereza Escariolano Santos e Vanessa Ferreira Lima	
<b>PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ALUNOS SURDOS EM SALAS INCLUSIVAS: UMA ANÁLISE NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE JUAZEIRO DO NORTE-CE .....</b>	<b>41</b>
Lidiane Cristina Coelho e Juscelino Francisco do Nascimento	
<b>UM “OLHAR” SOBRE A INCLUSÃO DE CRIANÇAS SURDAS NO ENSINO FUNDAMENTAL DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE JUAZEIRO DO NORTE-CE: UM ESTUDO DE CASO DA EEIF PADRE CÍCERO .....</b>	<b>45</b>
João Assis da Cruz Neto e Marcelo Oliveira Santiago	
<b>PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO EM HISTÓRIAS SINALIZADAS SURDAS EM JUAZEIRO DO NORTE-CE .....</b>	<b>50</b>
Mardonio dos Santos Aguiar de Oliveira e João Assis da Cruz Neto	
<b>A INTERFERÊNCIA NO DISCURSO DOS SINALIZANTES BILÍNGUES DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA .....</b>	<b>56</b>
Alan Marlon de Mattos e Éverly Pegoraro	

**CORPORALIDADE E FORMAÇÃO DE INTÉRPRETES DE LIBRAS:  
UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DO DESEMPENHO DISCENTE.....64**

Cauê Jucá Ferreira Marques e Raquece Mota Honório Cruz

**POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS PARA O SURDO NO ANTEPROJETO  
DO NOVO CÓDIGO DE PROCESSO PENAL.....70**

Valdemberg Alves Nobre



## APRESENTAÇÃO

O Curso de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal do Cariri (UFCA) realizou entre os dias 26 e 29 de setembro de 2022 o “I Setembro Surdo: Comemoração do Dia Nacional dos Surdos”, da UFCA. O evento, em alusão ao Dia dos Surdos – comemorado nacionalmente no dia 26 de setembro, teve como tema “Linguística, Educação, Tradução, Ensino de Libras e suas Literaturas”.

Por que se comemora o dia dos surdos? No dia 26 de setembro de 1857 fundou-se a primeira escola para surdos no país, conhecida como Instituto Nacional de Surdos-Mudos, localizado na cidade do Rio de Janeiro-RJ, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que teve a mudança de nomenclatura no ano de 1957 para INES. Em razão da data, comemora-se no dia 26 de setembro a lembrança desse marco histórico na educação de surdos.

O mês de setembro é celebrado como “Setembro Azul” ou Setembro Surdo”, um período dedicado à conscientização em relação às conquistas da comunidade surda e quão urgente e importante é o diálogo acerca dos direitos dos surdos. O principal objetivo de comemarmos essas datas históricas é relembrar à sociedade sobre o debate que consiste nos direitos e luta pela inclusão das pessoas surdas numa sociedade acessível e inclusiva.

A comissão científica, sob a Coordenação Geral da Prof.<sup>a</sup> Me. Miriam Royer, é constituída pelos professores avaliadores:

- Comissão da Área de Linguística da Libras: Prof.<sup>a</sup> Me. Miriam Royer (UFCA) e Prof. Me. Daltro Roque Carvalho da Silva Júnior (Universidade Federal do Paraná);
- Comissão da Área de Educação de surdos: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Carmita Bezerra de Souza (UFCA) e Prof. Dr. Lucas Romário da Silva (UFCA);
- Comissão da Área de Tradução: Prof. Dr. Diego Mauricio Barbosa (Universidade Federal de Goiás), Prof. Me. Roger Lineira Prestes (UFCA) e Prof. Esp. Otniel Rodrigues dos Santos (UFCA);
- Comissão da Área de Ensino de Libras e suas Literaturas: Prof. Me. Mardônio Oliveira (Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF), Prof.<sup>a</sup> Esp. Ana Kelly da Silva Fernandes (UFCA) e Prof. Me. João Batista Alves de Oliveira Filho (UFCA).

Agradecemos aos participantes pelos envios e apresentações dos resumos expandidos no evento intitulado “I Setembro Surdo: Comemoração do Dia Nacional dos Surdos: Linguística, Educação, Tradução, Ensino de Libras e suas Literaturas”. Sentimos uma enorme satisfação em proporcionar esse evento e contribuir para a formação e produção de conhecimento, em que os participantes puderam participar de forma engajada, apresentando suas pesquisas e resultados, colaborando com a área de língua de sinais, além de demonstrarem competência, qualidade de pesquisa e independência nas produções dos trabalhos.

**Figura 1** - Fotos do evento: dias 26, 27 e 28 de setembro de 2022



## FORMAÇÃO DE PROFESSORES E AS PRÁTICAS DE METODOLOGIAS VISUAIS NA CONSTRUÇÃO DA LEITURA E ESCRITA DO ALUNO SURDO

Geórgia Maria de Alencar Maia<sup>1</sup>

Francineuma Euzébio Fulgêncio<sup>2</sup>

Juliana Bezerra Moraes<sup>3</sup>

Monaliza Moura Alves de Amaral<sup>4</sup>

Alessandro Sena de Oliveira<sup>5</sup>

### RESUMO

Vivemos uma nova realidade educacional diante das práticas educativas, mesmo assim ainda percebemos grandes desafios e dificuldades diante da inclusão dos alunos surdos direcionados ao ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa como L2. Para o aluno surdo, o domínio da leitura e da escrita não são atividades simples e requer além de estudos, a utilização de uma metodologia eficaz para o desenvolvimento tanto da leitura como da escrita, o que exige principalmente a compreensão da língua envolvida. Diante do exposto, esta pesquisa busca entender as dificuldades de leitura e escrita como segunda língua para o aluno surdo, apresentando assim como objetivo a importância do ensino bilíngue e desenvolvimento das práticas educativas na construção do processo de leitura e escrita, no ensino do Português como segunda língua para o aluno surdo na educação básica. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa é fundamentada nos estudos dos referenciais teóricos contextualizados, com práxis de materiais lúdicos bilíngues, levando em consideração os estudos na LDB e suas atualizações sobre o ensino bilíngue. A pesquisa apresenta abordagem qualitativa, fazendo uso do instrumento de práticas educativas como forma de obter dados que fomentem os temas abordados nesta pesquisa. Foi aplicado um questionário semiestruturado com ênfase de resultados que provocam uma reflexão para formação de professores, e a importância de repertórios visuais para o cotidiano escolar, concluindo ainda que as práticas educativas favorecem ao aluno surdo uma escola acessível, com ensino de qualidade e possibilidades de superação.

**Palavras-chave:** formação de professores; metodologia visual; leitura e escrita; práticas educativas; alunos surdos.

<sup>1</sup> Universidade Regional do Cariri – URCA, e-mail: georgiaalencar32@gmail.com;

<sup>2</sup> Universidade Regional do Cariri – URCA, e-mail: francineumaeusebio@gmail.com;

<sup>3</sup> Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI, e-mail: juliana-crato@hotmail.com;

<sup>4</sup> Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI, e-mail: monalisamouraalves@gmail.com;

<sup>5</sup> Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI, e-mail: alessandrosenaufg@gmail.com.



## 1 INTRODUÇÃO

O interesse pela pesquisa surge a partir da vivência com alunos surdos inseridos nas escolas inclusivas, os quais apresentam uma série de dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita da língua portuguesa, isso acontece não apenas pelo fato do surdo não poder contar com o canal oral-auditivo (fala e escuta), mas pelas metodologias estarem centradas nas estratégias “ouvintistas”, tornando-as na maioria das vezes, incompreensível para o aluno surdo.

Para educação de surdos, está apenas incluído na escola regular não é suficiente para o seu aprendizado, a escola precisa promover a socialização do aluno surdo, o respeito às suas particularidades de comunicação e língua de sinais, produzida pela modalidade visual-espacial (QUADROS,1997).

Com isso, espera-se da escola a garantia de uma educação bilíngue, que corresponde ao ensino da Libras como L1 e da língua portuguesa como L2, de forma que as metodologias ocorram evidenciando letras, palavras e textos visualmente, através de imagens, favorecendo significados ao ensino-aprendizagem.

A Língua Brasileira de Sinais – Libras apresenta gramática própria passando a ser reconhecida no Brasil pela Lei nº 10.436/02 (Lei da Libras), como meio de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira. Esse reconhecimento traz para o surdo a regulamentação da Lei através do Decreto nº 5.626/2005, esclarecendo que a Língua Brasileira de Sinais deverá prevalecer como sua primeira língua, assumindo a importância de língua de instrução nos anos iniciais de ensino ao surdo e que o seu desenvolvimento linguístico servirá como base na aprendizagem da Língua Portuguesa – segunda língua, que deverá ser ensinada na modalidade escrita e em tempo real, com a mediação do professor e o uso de metodologias visuais tornando o ensino-aprendizagem possível.

## 2 OBJETIVO GERAL

Promover contribuições para a educação de surdos, refletindo questões relacionadas às práticas educativas no processo do ensino-aprendizagem, possibilitando através da práxis docente os metodológicos visuais para a construção do conhecimento e processo de leitura e escrita no ensino do português, como segunda língua para o aluno surdo na educação básica, mais especificamente no ensino fundamental.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Tipo de Estudo, local, período da pesquisa e participantes

Trata-se de um estudo exploratório de natureza qualitativa. O trabalho foi desenvolvido em uma universidade do município de Crato – Ceará (CE). O período da pesquisa foi de fevereiro a agosto de 2022. A população do estudo foi constituída por alunos de cursos de licenciatura no turno da noite de uma universidade do município do Crato-CE, em fase do estágio curricular, no ensino fundamental.

Os critérios de inclusão utilizados foram: a aceitação da participação da pesquisa, após leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e assinatura do termo de consentimento Pós-esclarecido; estar matriculado na disciplina de Libras em uma das turmas onde foi aplicada a pesquisa. Como critério de exclusão, o oposto. Para obtenção dos dados qualitativos foi elaborado um questionário semiestruturado, refletindo as metodologias visuais e suas contribuições sobre a leitura e escrita, no processo de ensino-aprendizagem.

No decorrer da pesquisa, os dados coletados foram analisados e expressos de modo discursivo no decorrer do texto, e em gráficos ou tabelas dos quais foram considerados opiniões dos alunos após estudo dos recursos metodológicos visuais como estratégias de ensino.

#### 3.2 Resultados e discussão

Para coleta de dados, utilizou-se uma amostra com a participação de vinte e oito alunos do curso de Biologia, vinte e oito alunos do curso de Matemática, trinta alunos do curso da Pedagogia da universidade pesquisada. Para identificação dos alunos, estes foram identificados por A1, A2, A3 ..., de acordo com expressão de fala.

Diante do desenvolvimento do estudo, foi observado que a disciplina de Libras no ensino superior vem de encontro ao ensino-aprendizagem, pois para os professores em formação, este cenário se torna discursivo frente às necessidades pedagógicas, ao conhecimento das especificidades dos alunos surdos, respeito da língua de sinais e receptividade ao aluno surdo.

Quando investigados sobre o conhecimento da Libras, 100% dos entrevistados afirmaram não conhecer a língua, e apenas 10% afirmam que em algum momento no período escolar já tiveram contato com colegas surdos.



Corroborando com esses dados expostos, Facundo (2019) salienta que a disciplina de Libras direcionada à formação de professores é um ponto relevante de pesquisa e apresenta como objetivo preparar o professor para receber o aluno surdo nas salas comuns, com conhecimentos legais e pedagógicos.

No entanto, no que diz respeito a opinião dos alunos que participaram dessa pesquisa, sobre as contribuições da disciplina para sua formação profissional como futuro professor, a Tabela 1 expressa suas argumentações:

**Tabela 1** – A importância de o professor conhecer a Libras e particularidades do aluno surdo

**A1** - A disciplina de Libras promove grande aprendizado com relação a Libras, e nos conscientiza da responsabilidade enquanto futuros professores de surdos.

**A2** - O estudo da Libras me ensinou a diferença linguística, as particularidades da pessoa surda, o respeito à língua, cultura e identidade e me conduziu a uma reflexão sobre as metodologias visuais necessárias ao aprendizado do aluno surdo.

**A33** - Sou professora e me envergonho por só agora, após os estudos da Libras, conhecer sobre as particularidades do surdo. Para a atuação do professor, conhecer essa temática é relevante para minha prática, inclusão e o conhecimento dos alunos surdos.

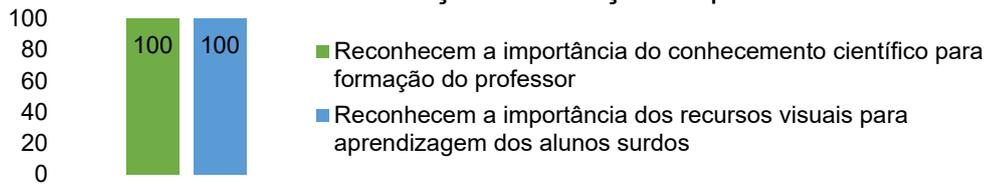
**A41** - A disciplina de Libras me remeteu a um mundo desconhecido e ao mesmo tempo tão próximo. Conhecer a língua de sinais, o surdo, a sua cultura e a sua identidade me trouxe conscientização social, principalmente com relação a minha atuação de professor, em respeito ao aluno surdo e a sua língua.

**A49** - O professor precisa conhecer sobre o surdo, sua língua e cultura, pois através do conhecimento ele será capaz de buscar meios acessíveis para o aprendizado do aluno.

Fonte: dados da pesquisa (2022).

A escola e os professores nem sempre estão preparados para atender pedagogicamente as diferenças linguísticas do surdo e para que isto aconteça é importante o conhecimento científico, concomitante às experiências práticas. Um professor inclusivo precisa ser reflexivo e versátil ao plano de ação e intervenção pedagógica. Para Skliar (2016), é importante uma política educacional de significações, com participação dos surdos no processo de transformação pedagógica.

**Gráfico 1** – Atuação e formação do professor



Fonte: dados da pesquisa (2022).

O professor, na sua atuação pedagógica, é corresponsável pelo sucesso ou fracasso do processo de ensino-aprendizagem, e a escola é intermediadora na construção do conhecimento (MARTINS, 2011). Destarte, devemos buscar atividades que desenvolvam habilidades e competências na L2 para o aluno surdo, atividades criativas e participativas.

No decorrer do letramento, trabalhar com projetos bilíngues faz o aluno interagir, se divertir e aprender com as contações de histórias bilíngues, jogos de imagens e palavras, produções de histórias pessoais, trabalhos com recortes de revistas e contato com vários gêneros textuais imagéticos, favorecendo ao aluno um ensino de potencialização às práticas de letramento, como também de reconhecimento identitário, cultural e com o contato com outros surdos (QUADROS, 1997).

Segundo Lodi e Lacerda (2014), o ensino da leitura e escrita deverá ocorrer com dinâmica dialógica entre as duas línguas – Libras e Português, possibilitando as vivências em contexto e situações concretas.

**Tabela 2** – Diante das práticas pedagógicas, como o professor pode proporcionar o conhecimento do aluno surdo, fortalecendo a escrita e leitura

**A1** - Pensando nas práticas pedagógicas, observamos a importância de estratégias visuais favorecendo o aprendizado do surdo com relação a sua leitura, escrita e conhecimento, mas nem sempre temos essa prática no dia a dia da escola.

**A2** - Compreendendo as dificuldades do aluno surdo com relação a leitura e escrita da L2, o professor deverá promover atividades imagéticas, com recursos visuais, intuitivos, a prática da leitura e escrita com o conteúdo abordado, usando a língua de sinais, datilografia, vídeos, imagens, jogos e histórias ou HQ. Na disciplina de Libras vivenciamos essa experiência com empolgação e tenho certeza que com alunos surdos será da mesma forma.

**A33** - Atividades lúdicas ampliam o uso da linguagem, ativam a imaginação, desenvolvem habilidades, e através dos recursos visuais, favorecem o aprendizado ao aluno surdo, além de ampliar seu conhecimento do português como L2, mas ainda é um desafio para o professor.



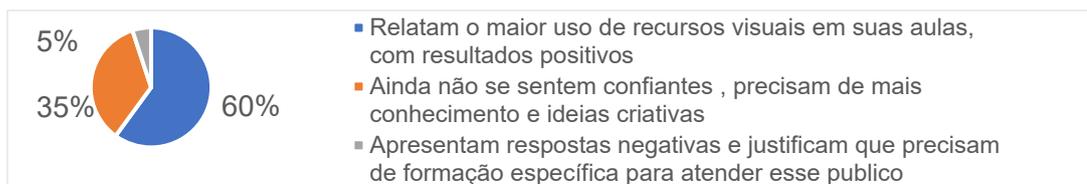
**A41** - Desenvolver uma aula com materiais práticos faz com que o aluno desenvolva o seu conhecimento linguístico em diversas propostas, seja sinalizando, observando, escrevendo ou interagindo com os outros colegas.

**A49** - Observei que nas práticas desenvolvidas através dos recursos visuais em sala de aula, por mais simples que seja a atividade, ela favorece a interação, maior participação, troca de informações e conhecimentos. Assim, os ouvintes aprendem o uso dos sinais e os surdos as palavras.

Fonte: dados da pesquisa (2022).

Visto que as experiências com recursos visuais ainda requerem conhecimentos específicos, é extremamente importante a conscientização do professor para que o conhecimento esteja ao alcance do aluno surdo. Com a pesquisa percebemos que os alunos-professores participantes do estudo, em sua maioria, aderem de forma positiva às significativas mudanças com relação as suas atitudes e práticas pedagógicas.

**Gráfico 2** – Como analisam as práticas visuais desenvolvidas em sala de aula



Fonte: dados da pesquisa (2022).

#### 4 CONCLUSÕES

Diante dos dados apresentados no presente estudo, concluímos que a escola precisa estar atenta às particularidades dos alunos surdos no processo de ensino-aprendizagem, e que a utilização de recursos visuais no desenvolvimento do plano didático contribuirá para o bom desempenho dos alunos em geral.

Mediante essa realidade que está corrida nas entrelinhas da Lei nº 10.436/2002, destacamos ainda, a importante tarefa do professor conhecedor da metodologia visual eficaz no tocante ensino de qualidade, que vai de encontro ao aluno na efetivação de sua aprendizagem contextualizada e significativa.

Para tanto, nesse contexto, ainda há muito o que se aprender sobre a modalidade visual para o surdo, principalmente ao que se refere a uma condição linguística diferenciada da língua oral, a qual é produzida através de uma modalidade visual-espacial.

Vale ressaltar que se faz necessário que a língua de sinais esteja presente na sua leitura para que fortaleça a sua identidade e sua cultura, além do respeito à sua

particularidade linguística. Concluindo que trabalhar com recursos visuais resultará de forma fluida, as habilidades linguísticas, estímulos, autoestima e autonomia, aspectos tão necessários ao aluno surdo, o que se apresenta como ponto significativo e positivo.

Tais pontos confirmam que trabalhar com alunos surdos leitura e escrita, requer dos professores uma formação consciente da capacidade linguística do aluno surdo, como também a criatividade e interesse por elaborar novas metodologias através dos recursos visuais que despertam no aluno surdo o seu interesse pelos livros, pela leitura, pela escrita, por sua própria história e ideias.

### REFERÊNCIAS

FACUNDO, J. J.; VITALINO, C. R. **A disciplina de Libras na formação de professores**. Curitiba: CRV, 2019.

LODI, A. C. B.; LACERDA, C. B. F. (org.). **Uma Escola, Duas Línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014. p. 147.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SKLIAR, C. (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.



## FORÇA DA LIBRAS – RELATO DE EXPERIÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DE JOGO DIDÁTICO

Aristides Daniel de Aguiar<sup>6</sup>

Raimundo Evandro Duarte Filho<sup>7</sup>

Antônio Daley Marques do Nascimento<sup>8</sup>

Débora de Vasconcelos Souza Conrado<sup>9</sup>

Mariana Farias Lima<sup>10</sup>

### RESUMO

O ensino da Libras requer, além da fluência, seja o professor surdo ou ouvinte, competência linguística e didática, entendimento da pedagogia visual, e conhecimentos bases sobre cultura surda. Este trabalho objetiva o relato das experiências de criação de jogo didático, para o ensino da Libras, para surdos (L1) e ouvintes (L2), com conhecimentos intermediários e avançados sobre a língua. O estudo, de caráter descritivo e qualitativo, relata as experiências de criação e aplicação do jogo, intitulado: Força da Libras, uma adaptação do jogo Força, do português. As experiências ocorreram nos meses de abril a julho de 2022, frutos dos estágios em Libras como L1-III e L2-III, do curso Letras-Libras, da Universidade Federal do Ceará (UFC). As experiências do grupo ocorreram por meio das etapas: i) reuniões dos membros, ii) criação do material, III) testagem do jogo e, IV) aplicação do jogo. De forma geral, o desenvolvimento adotou o modelo em espiral, de Boehm (1988), que trabalhou em ciclos de atividades, constantemente atualizadas, para atingir os fins propostos. Empregou-se o aprendizado colaborativo, visto que o grupo trabalhou em torno de objetivos comuns. Adotou-se a análise temática e os resultados organizam-se nos respectivos núcleos temáticos: proposta; protótipo; testagem; validação e aprendizado. Deste modo, percebeu-se a importância da criação de jogos didáticos para o ensino da Libras, como L1 e/ou L2, além dos desafios encontrados nas etapas de organização e criação do jogo, dadas as variações de fluência linguística no grupo.

**Palavras-chave:** jogos didáticos; ensino de Libras L1 e L2; cultura surda.

<sup>6</sup> Universidade Federal do Ceará, e-mail: arisufc2018@gmail.com;

<sup>7</sup> Universidade Federal do Ceará, e-mail: evandroduartefilho@gmail.com;

<sup>8</sup> Universidade Federal do Ceará, e-mail: daley.porang@gmail.com;

<sup>9</sup> Universidade Federal do Ceará, e-mail: deboraconrado.ufc@gmail.com;

<sup>10</sup> Universidade Federal do Ceará, e-mail: marianafariaslima@gmail.com.



## 1 INTRODUÇÃO

De modalidade visuoespacial, falada pelas comunidades surdas e povo surdo residentes em centros urbanos brasileiros, a Libras como artefato linguístico, além do fomento de identidades surdas, configura-se como elo e fonte de conexão entre o ouvinte que desconhece o surdo e sua cultura, e o surdo que desconhece o ouvinte e seu mundo (QUADROS; KARNOPP, 2004; STROBEL, 2008; GESSER, 2012). Assim, o aprendizado da Libras por ouvintes e sua aquisição por surdos pauta-se na ponte, ou seja, no mediador do saber que, por se tratar de uma língua visual, requer conhecimento também da pedagogia visual (LACERDA; SANTOS; CAETANO, 2013).

Deste modo, este trabalho objetiva o relato das experiências de criação de jogo didático para o ensino da Libras, para surdos (L1) e ouvintes (L2) com conhecimentos intermediários e avançados sobre a língua. Sendo assim, atenta-se para as possibilidades de promoção que jogos educacionais possuem para o desenvolvimento cognitivo e emocional no contexto de ensino (MAYRINK, 2019), em especial no ensino da Libras, que ao fazer uso de fotos e vídeos potencializa o ensino e aprendizagem (GARGALAKA, 2012).

Considerando o que salientam os autores (QUADROS; KARNOPP, 2004; STROBEL; 2008; GESSER, 2012; GARGALAKA, 2012; LACERDA; SANTOS, 2013; MAYRINK, 2019), pondera-se a importância do registro das experiências aqui descritas, como contribuição para pessoas que intentam criar jogos didáticos para o ensino da Libras, dada a insuficiência de materiais didáticos para seu ensino.

## 2 METODOLOGIA

O estudo de caráter descritivo e qualitativo (MINAYO, 2015), caracteriza-se como relato de experiência (SEVERINO, 2016), a respeito da criação e aplicação do jogo intitulado: Força da Libras, uma adaptação do jogo Força, do português. As experiências ocorreram nos meses de abril a julho de 2022, frutos dos Estágio em Libras como L1-III e L2-III, do curso Letras-Libras, da Universidade Federal do Ceará (UFC). As experiências do grupo aconteceram por meio das vivências: i) reuniões dos membros, ii) criação do material, III) testagem do jogo e, IV) aplicação do jogo.

De forma geral, o desenvolvimento adotou o modelo em espiral, proposto por Boehm, em 1988, que objetiva o trabalho em ciclos de atividades constantemente

atualizadas para atingir os fins propostos (PRESSMAN, 2021). Assim, empregou-se o aprendizado colaborativo, visto que o grupo trabalhou em torno de objetivos comuns (GOKHALE, 1995). Adotou-se a análise temática (BARDIN, 2016), e os resultados organizam-se nos respectivos núcleos temáticos: proposta; protótipo; testagem; validação e aprendizado.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As práticas de estágio do nono semestre, do curso Licenciatura em Letras-Libras da UFC, ocorridas no formato presencial, gerou além das vivências em sala de aula, a criação, desenvolvimento e aplicação de jogo didático, solicitado pelos professores-orientadores, para o ensino da Libras, que possibilitasse seu ensino para surdos e ouvintes. Assim sendo, consiste na análise das respectivas categorias: proposta, protótipo, testagem, validação e aprendizagem.

#### **3.1 Proposta**

Composto por cinco discentes, o grupo se reuniu, discutiu e definiu como proposta o jogo em tela. A equipe baseou-se nas grades curriculares do Instituto Cearense de Educação de Surdos (ICES) - 9º e do Centro de Referência em Educação e Atendimento Especializado do Estado do Ceará (CREAECE) (intermediário), ambos em Fortaleza - Ceará (CE). Definiu-se como conteúdo: animais, profissões, esportes, materiais escolares e meios de transporte.

#### **3.2 Protótipo**

A partir das discussões que levaram à definição da proposta selecionada, criou-se um protótipo do jogo, alterado conforme orientações dos professores-orientadores. Também foi desenvolvido um manual com as regras do jogo e os respectivos materiais: 100 cartas; 1 amulheta; 2 mãos em MDF; 1 suporte, que representou a quantidade de tentativas; 1 tabela de configurações de mãos; e 1 dado com temas em suas faces.



**Figura 1 - Cartas do jogo**



**Figura 2 - Dado do jogo**



Fonte: elaborado pelos autores (2022).

As regras do jogo consistem em: i) escolhe-se o participante ou dupla por meio de “pedra, papel, tesoura”, ou, “ímpar/par”, ii) inicia-se o jogo lançando o dado de temas, iii) a face para cima determina em qual monte (animais, profissões, esportes, materiais escolares ou meios de transporte) o mediador deve puxar uma carta, iv) cada jogador ou dupla conta com 1 minuto para sinalizar uma das configurações de mãos apresentadas em tabela, que objetiva descobrir qual configuração está contida na carta puxada pelo mediador, v) cada jogador ou dupla conta com 5 tentativas representadas por cada dedo das mãos de MDF.

Cada participante ou dupla apresenta um sinal, perdendo uma chance (dedo) a cada erro. Elimina-se a pessoa que perde todos os dedos. Vence o jogo a pessoa (ou dupla) que acerta o sinal antes de perder todos os dedos. Isto posto, projetou-se o jogo para ser jogado com até quatro pessoas (1 contra 1, 2 contra 2, ou, individualmente).

**Figura 3 - Jogo completo**



Fonte: elaborado pelos autores (2022).

### 3.3 Testagem

A testagem do jogo ocorreu em dois momentos: em sala de aula, com alunos das práticas de Libras como L1-III e L2-III, e em turma do terceiro semestre, do curso Letras-Libras, da UFC. Assim, percebeu-se que o tempo médio de cada partida gira em torno de 20 minutos.

### 3.4 Validação

Após todas as sugestões dos professores-orientadores, de alunos das práticas de estágios e alunos do terceiro semestre, que participaram da testagem do protótipo, o jogo foi validado e seu uso foi liberado para aplicação oficial em feira de material didático, ocorrida no ano de 2022, na UFC.

**Figura 4 - Equipe**



Fonte: elaborado pelos autores (2022).

### 3.5 Aprendizado

Depois de todas as vivências ocorridas nas etapas de proposta, protótipo, testagem, validação e, por fim, aprendizado, o grupo, que trabalhou por meio do aprendizado colaborativo e espiral de Boehm, com atividades cíclicas, conseguiu atingir os objetivos iniciais, ou seja, a criação e aplicação de jogo didático para ensino da Libras (L1 e L2).

## 4 CONCLUSÕES

De certo modo, a construção do jogo demandou tempo, dada a variação de fluência linguística presente no grupo, entretanto, as experiências aqui descritas revelam a importância da criação de materiais didáticos para o ensino da Libras, como primeira ou segunda língua. Percebe-se também a insuficiência de outros trabalhos que descrevam experiências semelhantes às do grupo.



## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

GARGALAKA, M. C. O uso do blog como recurso pedagógico no ensino de Libras: as possibilidades nas palavras nesse ciberespaço. *In*: ALBRES, Neiva de Aquino (org.). **Libras em estudo: ensino-aprendizagem**. São Paulo: FENEIS, 2012. p. 79-104.

GESSER, A. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GOKHALE, A. A aprendizagem colaborativa aumenta o pensamento crítico. **Revista de Educação Tecnológica**, [S. l.], v. 7, n. 1, 1995.

LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F.; CAETANO, J. F. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. Tenho um aluno surdo, e agora. **Introdução a libras e educação de surdos**. São Carlos: EdUFSCar, 2013. p. 185-200.

MAYRINK, C. T. R. *et al.* **Sequência didática com história infantil e jogo para o ensino de frações**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação e Docência) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2019.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2015.

PRESSMAN, R. S.; MAXIM, B. R. **Engenharia de software**. 9. ed. [S. l.]: McGraw Hill, 2021.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua brasileira de sinais: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.



## A IMPORTÂNCIA DE USAR DIVERSOS ESTILOS DE METODOLOGIAS NO ENSINO EM SALA DE AULA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Júlia Batista Alves.<sup>11</sup>

Tainara Reis Gonçalves.<sup>12</sup>

Lucas Romário.<sup>13</sup>

Bruna Ataíde de Lima Lopes.<sup>14</sup>

### RESUMO

Este relato de experiência descreve uma atividade realizada através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e como a experiência nesse programa contribuiu para que as alunas bolsistas se desenvolvessem em vários aspectos, em especial no uso de metodologias diversificadas. Essa experiência se deu em cursos básicos de Libras ofertados em uma escola da rede pública.

**Palavras-chave:** metodologias; Libras; aprendizagem; PIBID.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo expressar e relatar as experiências vividas por discentes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) durante o processo de ensino-aprendizagem das pibidianas. São relatados no artigo alguns desafios enfrentados para utilizar e diversificar os estilos de aprendizagem durante as aulas. Estilos esses que transitam entre o visual, auditivo e cinestésico. Tendo como base os relatos de experiências vividas por discentes da Universidade Federal do Cariri (UFCA) durante o período que licenciaram minicursos de Libras em período remoto, visto a lamentável situação mundial pelo Covid-19.

### 2 TRILHANDO CAMINHOS METODOLÓGICOS

As atividades desenvolvidas no PIBID foram totalmente remotas em decorrência da necessidade de distanciamento social em virtude da pandemia de Covid-19, por isso, houve a necessidade de adaptação e adequação no sentido da regência, que nesse caso seria duplamente inédita para nós, tendo em vista que seria a primeira experiência didática e além disso, de forma remota. Essa experiência foi, de certa

<sup>11</sup> Graduanda do curso de Letras-Libras da UFCA, e-mail: juhli3333@gmail.com;

<sup>12</sup> Graduanda do curso de Letras-Libras da UFCA, e-mail: tainara.reis.goncalves@gmail.com;

<sup>13</sup> Coordenador de área do Subprojeto Pibid Letras-Libras, e-mail: lucas.romario@ufca.edu.br;

<sup>14</sup> Professora Supervisora de área do Pibid Letras-Libras, e-mail: brunaataide@gmail.com.



forma, vista como um desafio, sendo que seria a primeira vez em que as pibidianas se encontravam nessa experiência remota. Essa realidade tornou-se um desafio, porém foi enriquecedor em outras práticas, por exemplo: conhecer novas metodologias, diferentes métodos, didáticas e dinâmicas, adaptando-os ao ensino remoto e construindo um novo fazer-ensinar que se baseasse na diferença de aprendizagem de cada aluno(a).

Nessa proposta, as discentes buscaram diferenciar suas aulas com várias metodologias diferentes, sempre utilizando da abordagem comunicativa, pois considerando Gesser (p. 19, 2012), “é preciso enfatizar que é a abordagem que orienta o professor– ‘é a sua filosofia de ensinar’ –, imprimindo movimento e ação a todo o processo”.

### 3 DESENVOLVIMENTO

Um certo dia, o assunto da aula era sobre antônimos e sinônimos e pensando em incentivar os alunos a interagir, foi utilizada a metodologia visual e cinestésica, a qual é muito importante, como Audrei Gesser (2012, p. 52) descreve: “[...] pode ser relevante no desenvolvimento do aprendiz de sinais se pensarmos a importância do uso das mãos e do corpo para a produção linguística dos sinais”.

A ideia inicial seria que a aula fosse realizada inteiramente em Língua de Sinais, por isso foi avisado aos alunos que a aula se seguiria assim. Não houve reclamações, porém dava para perceber que eles queriam que a aula seguisse com a interpretação para o português, todavia foi dada a continuidade em Libras e quão sábia foi essa decisão, pois todos os alunos presentes estavam entendendo o que a professora do curso estava sinalizando e eles também respondiam com sinais em Libras e quando não sabiam/conheciam o sinal, faziam a datilologia.

No fim da aula só se via alegria e um olhar dos alunos que representava a seguinte frase: “eu me esforcei e estou conseguindo”, o que com certeza fez e faz as professoras sempre refletirem nas suas metodologias para que incentivem os alunos a apreender cada vez mais e estimular a curiosidade.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi perceptível que as discentes do PIBID utilizaram de várias metodologias de acordo com cada aula, adaptando sempre para o cotidiano e contexto de vida de cada aluno, tendo isso como um ponto positivo, pois motiva os mesmos e fixa a atenção para a aprendizagem.

Dito isso, sabemos também que as professoras em formação tiveram que buscar novas formas de ensinar para que todos tivessem uma aprendizagem significativa, resultando positividade, pois essas metodologias refletiram nos alunos desenvolvimento.

É claro que ensinar não tem apenas pontos positivos, também há desafios diários que precisam ser enfrentados com seriedade, um deles foi justamente encontrar metodologias que ajudassem todos. Para ser um bom profissional você não pode continuar na mesmice, é necessário se reinventar, visto que o curso ofertado pelas discentes era de Libras como segunda língua. Para tanto, tivemos que pensar em pontes que unissem o português e a Libras, mas que eles saíssem da acomodação da sua língua.

Nessa perspectiva, outros desafios surgiram, a saber: buscar aprender sinais que faziam parte do cotidiano dos alunos, pois sempre era perguntado mesmo não sendo o conteúdo do dia; a interpretação da versão oral dos alunos para os outros pibidianos surdos, visto que as discentes como professoras em formação ainda não haviam estudado especificamente sobre tradução/interpretação de textos/falas.

Sendo assim, para que os professores possam refletir se a sua fala está de acordo com a sua prática, se quando falam dos alunos apreenderem realmente, se estão buscando meios para tal. Aliando a teoria à prática, os bolsistas do PIBID puderam ter essa reflexão e chegar à conclusão que essa busca é frequente e sucessiva, nunca para.



## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos avançados**, [S. l.], v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GESSER, A. **O ouvinte e a surdez**: sobre ensinar e aprender a Libras. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.



## LIBRAS: LÍNGUA E ARTEFATO CULTURAL

Janaina Oliveira Bezerra.<sup>15</sup>

André Luiz Teles Aguiar.<sup>16</sup>

Amélia Rodrigues Amorim Araújo.<sup>17</sup>

Cleuma Aparecida Barbosa Gonçalves Felix.<sup>18</sup>

### RESUMO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) ultrapassa o reducionismo da língua como meio de comunicação, posicionando-a como um expressivo artefato da cultura surda. A cultura e a língua de sinais por se entrelaçarem, culmina esta última em um artefato cultural linguístico. Dessa forma, este trabalho tem por objetivo central abordar a importância e correlação da língua de sinais e a cultura surda a partir de diversos autores. A metodologia utilizada para o embasamento teórico foi ancorada nos Estudos Culturais, de caráter bibliográfica. Foram utilizados autores que tratam sobre Estudos Culturais e os Estudos Surdos, legislações direcionadas ao reconhecimento da Libras, cultura surda etc. Assim, o estudo evidencia que a língua de sinais é produto das experiências visuais das pessoas surdas, que produz a sua cultura.

**Palavras-chave:** pessoa surda; Libras; artefato cultural.

### 1 INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é uma língua, e está oficializada legalmente no âmbito brasileiro desde o ano de 2002 por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. No entanto, a compreensão da Libras ultrapassa o viés meramente legal e transcende uma perspectiva cultural. Esta língua está pautada na construção e desenvolvimento de um grupo social específico em nossa sociedade: as pessoas surdas.

Para entender a importância desta língua, precisamos compreendê-la como um artefato cultural (STROBEL, 2013). E também perceber a singularidade da pessoa surda como protagonista tomando como base suas experiências visuais.

Nisto, devemos reconhecer a intrínseca relação entre língua e cultura e, conseqüentemente, sua relevância para a pessoa surda, e sua comunidade.

<sup>15</sup> Universidade Federal do Cariri – UFCA, e-mail: janaina.oliveira@aluno.ufca.edu.br;

<sup>16</sup> Universidade Federal do Cariri – UFCA, e-mail: andre.aguiar@aluno.ufca.edu.br;

<sup>17</sup> Universidade Federal do Cariri – UFCA, e-mail: amelia.araujo@aluno.ufca.edu.br;

<sup>18</sup> Universidade Federal do Ceará – UFC, e-mail: cleumafelixpsi@gmail.com.



## 2 METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica que propõe refletir sobre o reconhecimento legal da Libras juntamente com a importância desta língua como artefato cultural de um grupo social. Para um suporte científico, “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (...) há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas” (GIL, 2008, p. 50).

A base desta pesquisa está nos Estudos Culturais. Conforme Silva (2016, p. 133), os “Estudos Culturais concebem a cultura como campo de luta em torno da significação social.” Assim, a relevância deste assunto abordado e o seu embasamento teórico se dá por conceber a cultura surda como um espaço de constantes negociações na relação com a cultura ouvinte.

## 3 DESENVOLVIMENTO

A linguagem afirma a pessoa humana e a humanidade (DORZIAT, 2009). A importância da Libras para a comunidade surda brasileira está atrelada à percepção de que é por meio da linguagem que construímos e desenvolvemos relações nos diversos espaços na sociedade (GESSER, 2009).

A Libras é uma língua reconhecida legalmente no Brasil, sendo oficializada através da Lei nº 10.436 de 2002, que dispõe sobre a comunicação legal da comunidade surda no âmbito brasileiro (BRASIL, 2002).

A língua de sinais na década de 1960 recebeu reconhecimento linguístico, por meio do linguista William Stokoe. Mas, atualmente, ainda existe a contínua necessidade da afirmação de que a língua de sinais é uma língua para uma efetiva legitimação e reconhecimento (GESSER, 2009). A língua de sinais é aspecto fundante da cultura surda (STROBEL, 2013). A cultura surda é a produção de experiências materializadas e não materializadas vinculadas, sobretudo às experiências visuais, tendo a Libras como sua principal representante.

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo (STROBEL, 2013). Nota-se que a pessoa surda está ligada à experiência visual e é por meio desta que o sujeito tem a possibilidade de compreendê-la e socializar-se com o mundo. Assim, a Libras é uma expressiva manifestação da sua cultura (BRASIL, 2005). Quando as pessoas surdas se comunicam, as suas singularidades e



particularidades se interligam na totalidade da cultura surda e na cultura visual (DORZIAT *et al.*, 2019).

Portanto, abordar essa complexidade que é a língua de sinais faz ampliar a perspectiva da Libras, de fato como língua do surdo e constituinte da cultura surda. Segundo Gesser (2009, p. 9-10), “tornar visível a língua desvia a concepção da surdez como deficiência - vinculada às lacunas na cognição e no pensamento - para a concepção da surdez como diferença linguística e cultural”.

Por isso, o efetivo reconhecimento da Libras no âmbito brasileiro respalda a garantia do direito de expressão do surdo em sua língua natural, como também o reconhece em suas diferenças e não o oprime a partir da concepção de deficiência.

#### 4 CONCLUSÃO

A partir da Libras, percebemos uma potencialidade do reconhecimento da pessoa surda em suas singularidades. A Lei de Libras vem abordar um marco e avanço no reconhecimento da pessoa surda e das suas experiências visuais.

A Libras é uma língua e artefato linguístico da comunidade surda brasileira. Mas, que ainda não é reconhecida concretamente na sociedade, por diversos motivos submersos no princípio de ser uma língua de minoria. O reconhecimento efetivo desta perpassa o seu uso, e sim a garantia do uso da mesma como meio de acessibilidade.

A língua se apresenta além do mero meio de comunicação, é expressão de uma cultura. A língua de sinais reflete esta particularidade da pessoa surda como sujeito visual. Assim, a língua de sinais é produto das experiências visuais das pessoas surdas.

#### REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências. **DOU**, Brasília: Senado Federal, 24 abr. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **DOU**, Brasília: Senado Federal, 22 dez. 2005.

DORZIAT, A. **O outro da educação**: pensando a surdez com base nos temas identidade/diferença, currículo e inclusão. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

DORZIAT, A.; MORAIS, M. M.; CARVALHO, L. S. M.; ROMÁRIO, L. Estudos Culturais e Surdos: aproximações conceituais. *In*: GONÇALVES, C. C.; ANDRADE,

F. C. B. (org.). **Pelas frestas**: pesquisas em estudos da educação. Curitiba: CRV, 2019. p. 31-49.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2013.



## CURSOS FIC DE LIBRAS E A VERTICALIZAÇÃO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO IFCE CAMPUS ACOPIARA

Cauê Jucá Ferreira Marques<sup>19</sup>

Raquece Mota Honório Cruz<sup>20</sup>

### RESUMO

Em agosto de 2022, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará campus Acopiara inaugurou o curso Técnico Subsequente em Tradução e Interpretação de Libras, uma iniciativa pioneira na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica no Norte-Nordeste (IFCE, 2022). Todavia, as experiências em Ensino de Libras na instituição e, especificamente no campus, já são consolidadas, seja pela articulação do Núcleo de Acessibilidade às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), seja pela oferta de Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) de Libras como L2 em seus níveis básico e intermediário. Por curso FIC entende-se as ações de extensão com caráter pedagógico, teórico e prático que objetivam atender as demandas da comunidade (IFCE, 2022). Este estudo tem como objetivo investigar de que forma a oferta de cursos FIC de Libras engaja os discentes a verticalizarem sua formação por meio do ingresso no Curso Técnico em Tradução e Interpretação de Libras, atendendo a uma das finalidades da Rede, qual seja: “promover a integração e a verticalização da educação básica à educação profissional e educação superior” (BRASIL, 2008). Para tanto, o estudo pretende aplicar questionário misto com discentes do curso técnico que sejam egressos dos cursos FIC de Libras ofertados pelo campus (GIL, 2019). Espera-se que os resultados apontem para a efetividade das ações extensionistas em questão para a aproximação da comunidade externa com a instituição e, especificamente, com a Libras e a Comunidade Surda, numa perspectiva de formação política e profissional.

**Palavras-chave:** ensino de Libras como L2; formação de intérpretes; educação profissional; verticalização da educação.

<sup>19</sup> Professor de Libras – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – *campus* Acopiara, e-mail: caue.juca@ifce.edu.br

<sup>20</sup> Professora de Libras e Coordenadora do Curso Técnico Subsequente em Tradução e Interpretação de Libras – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – *campus* Acopiara, e-mail: raquece.cruz@ifce.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

A Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica tem como finalidades, dentre outras:

I - ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional;

[...]

III - promover a integração e a verticalização da educação básica à educação profissional e educação superior, otimizando a infra-estrutura física, os quadros de pessoal e os recursos de gestão;

[...]

VII - desenvolver programas de extensão e de divulgação científica e tecnológica (BRASIL, 2008, sp, grifos nossos).

Nesse sentido, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), campus Acopiara, buscando atender às demandas da legislação supracitada, bem como as diretrizes legais e institucionais que orientam a Inclusão e a Acessibilidade, inaugurou, em agosto de 2022, o Curso Técnico Subsequente em Tradução e Interpretação de Libras (IFCE, 2022).

Todavia, as iniciativas voltadas ao ensino de Libras e à formação inicial e continuada das comunidades interna e externa já são uma realidade consolidada no campus, que oferta, numa parceria do Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE) com a Coordenadoria de Extensão (COEX), cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) de Libras em seus níveis Básico e Intermediário. Entende-se por curso FIC toda ação:

[...] pedagógica de caráter teórico e prático, planejado para atender a demandas da sociedade, visando à atualização e aperfeiçoamento de conhecimentos científicos e tecnológicos, com critérios de avaliação definidos e oferta não regular (IFCE, 2019, p. 1).

Ao buscar atender uma demanda da comunidade, a instituição sinaliza para um público-alvo posteriormente definido no primeiro princípio que fundamenta a oferta dos cursos FIC, a saber: “[...] atendimento a comunidade externa ao campus” (IFCE, 2019, p. 2). Assim, inferindo que os cursos FIC de Libras puderam (e podem) configurar o primeiro passo na verticalização da formação profissional dos discentes, este estudo tem como objetivo investigar de que forma a participação nos cursos FIC incentivou os estudantes a buscar o Curso Técnico Subsequente em Tradução e Interpretação de Libras.

## 2 METODOLOGIA

Para atingir o objetivo proposto, realizou-se um estudo descritivo com abordagem quantitativa, cuja coleta de dados se deu em 20 (vinte) de setembro de 2022 (dois mil e vinte e dois) por meio de questionário impresso. Na análise dos dados, utilizou-se Análise Temática e Estatística Descritiva (BARDIN, 2016; GIL, 2019).

Os respondentes aptos a responder à pesquisa foram aqueles que são egressos dos cursos FIC e atuais discentes do Curso Técnico Subsequente em Tradução e Interpretação de Libras, número que corresponde a 15/44% (quinze ou quarenta e quatro por cento) dos 34 (trinta e quatro) estudantes regularmente matriculados. Todos os 15 (quinze) responderam, o que, segundo Lakatos e Marconi (2017), supera a taxa média de 25% (vinte e cinco por cento) de participação em pesquisas cujo instrumento de coleta de dados é o questionário. O perfil dos respondentes pode ser verificado na Tabela 1.

**Tabela 1 – Perfil dos respondentes**

	GÊNERO		FAIXA ETÁRIA		
Masculino	2	14%	18-20	0	0%
Feminino	13	86%	20-29	4	27%
Outro	0	0	>40	11	73%

Fonte: autores (2022).

Raymundo (2020) destaca que 52,6% dos estudantes dos cursos técnicos têm entre 20 e 29 anos e que, de igual modo, 52% do público é masculino. A turma analisada no estudo em tela, contudo, difere dos achados da autora, cabendo aos docentes e à instituição investigar a hipótese de que isso se dá por conta das particularidades linguísticas, culturais, políticas e didáticas presentes no currículo.

Verificou-se, ainda, que 12 (doze) respondentes trabalham. A situação ocupacional deles pode ser observada em Tabela 2.

**Tabela 2 – Situação Ocupacional dos respondentes**

Professor(a)	6	40%
Outros <sup>21</sup>	6	40%
Estudante	2	14%
NR	1	7%

Fonte: autores (2022).

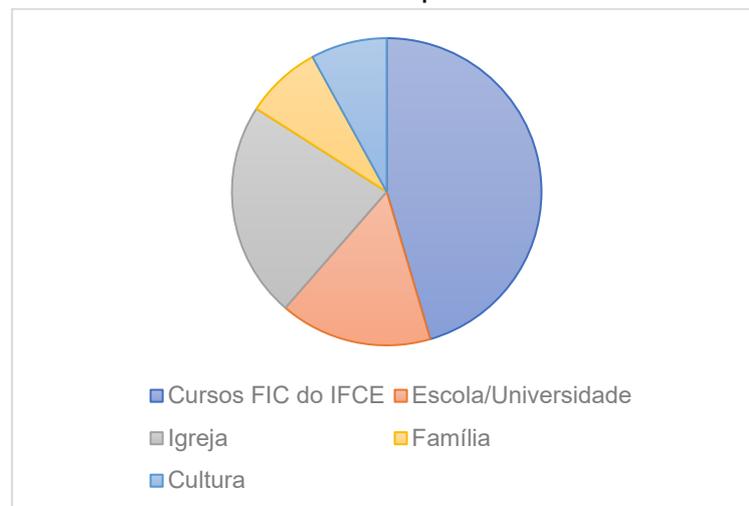
<sup>21</sup> Enfermeira (1); Comerciante (1); Funcionário Público (1); Agente Administrativo (1); Auxiliar (1); Recenseador (1).

Diante da oferta noturna do curso, o perfil ocupacional corrobora com pesquisa similar realizada por Mandu (2016), que identificou que 71% dos estudantes matriculados em cursos técnicos noturnos em instituição profissionalizante do Paraná já desempenham alguma atividade profissional remunerada. Após a identificação do perfil discente, o questionário continha mais 4 (quatro) questionamentos, a seguir descritos.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todos os 15 (quinze) respondentes, já que era um critério de inclusão, são egressos do curso FIC de Libras Básico e desses, apenas 2 (dois) afirmam ter cursado o curso da língua em nível intermediário. A hipótese de que os cursos dessa modalidade contribuem para a verticalização da formação profissional é fortalecida pela resposta ao questionamento seguinte, como se pode observar no Gráfico 1.

**Gráfico 1** – Onde aconteceu o seu primeiro contato com a Libras?



Fonte: Autores (2022).

Como se observa, o primeiro contato dos discentes/respondentes com a Língua Brasileira de Sinais de deu, em 40% (quarenta por cento) dos casos, nos cursos FIC ofertados pelo campus Acopiara. De modo complementar, 4 (quatro) estudantes tiveram o primeiro contato com a língua no contexto educacional (escolas, universidades). O fato pode ser um reflexo positivo da execução da Lei nº 10.436/2002 e do Decreto nº 5.626/2005, que exigem a oferta da Libras como componente curricular em cursos específicos, bem como dar maior visibilidade da língua e da comunidade surda nesses contextos (BRASIL, 2002; 2005).



Aproximando as discussões da futura área de atuação profissional dos respondentes, 86% (oitenta e seis por cento), ou seja, 13 (treze) respondentes afirmam que seu primeiro contato com Tradução e Interpretação de Libras se deu durante o curso FIC de Libras. Apenas 2 (dois) respondentes, correspondentes a 14% (quatorze por cento), o tiveram em ambiente religioso (Igreja).

Por fim, em todos os casos, 14 (quatorze) respondentes afirmaram que os cursos FIC foram incentivadores das suas decisões em cursar o Curso Técnico Subsequente em Tradução e Interpretação de Libras. Um (1) estudante não soube responder o questionamento.

#### **4 CONSIDERAÇÕES SEMI FINAIS**

O estudo em questão confirma o êxito da política extensionista do IFCE, particularmente no que tange à oferta de cursos de formação inicial e continuada voltados ao ensino de Libras como segunda língua (L2). Além disso, a política exitosa contribui, nesse caso, para o cumprimento de um dos objetivos centrais da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica de Educação (e, portanto, do IFCE), que consiste em verticalizar a oferta da formação da educação básica à superior.

Contudo, são necessárias pesquisas complementares que investiguem a potencialidade dos cursos ora descritos com ênfase nas perspectivas atuais e futuras dos discentes, analisando as possibilidades de verticalização presentes no itinerário formativo proposto pelo Projeto Pedagógico do Curso e/ou de possíveis outros “caminhos” para esse processo.

Reafirmamos, por fim, a importância do Ensino Técnico Subsequente, sobretudo em uma seara que carece de profissionais qualificados, como a Tradução e Interpretação de Libras, mas, nesse cenário, vislumbramos a(s) possibilidade(s) de verticalização com fins na produção científica, tecnológica, profissional e cultural em/sobre Língua de Sinais, Tradução, Interpretação e Educação de Surdos.



## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **DOU**, Brasília: Senado Federal, 22 dez. 2005.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **DOU**, Brasília: Senado Federal, 24 abr. 2002.

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **DOU**, Brasília: Senado Federal, 29 dez. 2008.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ CAMPUS ACOPIARA. **Projeto pedagógico do curso técnico subsequente em tradução e interpretação de Libras**. Acopiara: IFCE, 2022. Disponível em: <https://ifce.edu.br/instituto/documentos-institucionais/resolucoes/2022/anexo-resolucao-18.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2023.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ. Conselho Superior. **Resolução nº 15, de 18 de fevereiro de 2019**. Aprova o Regulamento dos Cursos de Formação Inicial e Continuada. Conselho Superior: 2019. Disponível em: [https://ifce.edu.br/proext/arquivos/resolucao-n-o-15-de-18-de-fevereiro-de-2019\\_regulamento-de-cursos-fic.pdf](https://ifce.edu.br/proext/arquivos/resolucao-n-o-15-de-18-de-fevereiro-de-2019_regulamento-de-cursos-fic.pdf). Acesso em: 3 jan. 2023.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MANDU, A. P. **O perfil do estudante que opta pela educação profissional: o caso do Senai no Paraná (2015)**. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

RAYMUNDO, G. M. C. A diversidade no perfil dos estudantes dos cursos técnicos subsequentes: alguns apontamentos. *In*: ANPED SUL, 13., 2020, [S. l.]. **Anais [...]**, [S. l.]: ANPEd, 2020. Disponível em: [http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/19/6167-TEXTO\\_PROPOSTA\\_COMPLETO.pdf](http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/19/6167-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf). Acesso em: 3 jan. 2023.



## SER PIBIDIANA NO CONTEXTO REMOTO

Maria Magda Vieira Trajano Alves<sup>22</sup>

Maria Tereza Escariolano Santos<sup>23</sup>

Vanessa Ferreira Lima<sup>24</sup>

### RESUMO

Este resumo apresenta o relato de alunas do Curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Cariri (UFCA), as quais foram bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Este programa teve início em 2020, durante a pandemia do Covid-19 e foi finalizado em 2021. Durante esse tempo, as aulas tiveram que ser realizadas de forma remota. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é analisar a experiência do PIBID de Letras-Libras no contexto de ensino remoto, apresentando os métodos e abordagens que facilitaram o ensino de Libras, bem como analisar as contribuições e dificuldades dessa experiência. Como fundamentação teórica, foram utilizados artigos científicos de pesquisadores conhecidos na academia, como Paulo Freire e Audrei Gesser. Assim, este trabalho mostra as principais dificuldades trazidas para os bolsistas na época de pandemia e como os recursos tecnológicos foram imprescindíveis para o desenvolvimento do programa.

**Palavras-chave:** ensino remoto; experiência; pandemia.

### 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a educação brasileira sofreu uma grande mudança no seu ensino. No ano de 2020, iniciou a pandemia do coronavírus que infecta tanto humanos como animais. Mas, para o ser humano, a infecção é respiratória e varia de um simples resfriado a graves doenças como a Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS) e a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) (SAÚDE, 2020). A pandemia teve início em dezembro de 2019 na China, porém, por ser altamente contagiosa, ameaçou muitas pessoas ao redor do mundo e o Brasil enfrenta o vírus até os dias de hoje.

Nesse período, tivemos que nos prevenir para diminuir o contágio e evitar mais mortes, usando máscara, utilizando álcool em gel, evitando aglomerações e nos distanciando socialmente. Por essa vertente, as escolas e universidades foram fechadas e tivemos que estudar online. Dessa forma, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que tem como objetivo instituir o vínculo dos

<sup>22</sup> Graduada do curso Letras-Libras na Universidade Federal do Cariri (UFCA), e-mail: maria.magda@aluno.ufca.edu.br;

<sup>23</sup> Graduada do curso Letras-Libras na UFCA, e-mail: tereza.escariolano@aluno.ufca.edu.br;

<sup>24</sup> Graduada do curso Letras-Libras na UFCA, e-mail: vanessa.lima@aluno.ufca.edu.br.

futuros professores em salas de aula da rede pública de ensino, para provar um pouco da realidade do que é ser professor e do que é enfrentado todos os dias na educação brasileira, mas também, dialogar e buscar melhorias para educação (MEC, 2018), se submeteu à modalidade remota.

Nesse sentido, no segundo semestre desse mesmo ano, o PIBID abriu vagas para a entrada de 8 bolsistas do curso de licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Para os discentes do curso, essa era a sua primeira experiência no projeto, tivemos dificuldade para encontrar supervisores na área de Libras, porém encontramos uma supervisora de língua portuguesa que tinha como projeto ensinar Libras a estudantes ouvintes da escola de ensino médio Governador Adauto Bezerra. Portanto, este resumo apresenta o relato de três alunas do curso de Letras-Libras sobre o ensino de Libras no período remoto.

### 1.1 Objetivo geral

Analisar sobre a experiência do PIBID de Letras-Libras no contexto remoto.

### 1.2 Objetivos específicos

- a) apresentar os métodos e abordagens que facilitaram o ensino de Libras;
- b) analisar as contribuições e dificuldades dessa experiência.

## 2 METODOLOGIA

Mediante esse quadro no sistema educacional, a metodologia utilizada para elaborar esse resumo se deu através de leituras de artigos produzidos por outros pibidianos, inserindo neste também nossa experiência dentro de uma sala de aula online. Nosso trabalho juntamente com os alunos mediou-se em um dia de aula uma vez por semana, com a duração de uma hora e trinta minutos que percorreu cerca de três meses ensinando o básico de uma nova língua viso-gestual a qual foram proporcionadas experiências relevantes ao nosso projeto.

As ferramentas utilizadas para as aulas foram: criação de slides, vídeos em Libras e enquetes no Instagram, com a finalidade de proporcionar uma metodologia mais adaptada ao ensino remoto, proporcionando que o ambiente e as tecnologias estejam presentes nesse planejamento didático ocorrido semanalmente.

Os slides estavam presentes em todas as aulas, sendo um suporte visual necessário para o desenvolvimento de uma aula mais dinâmica; o recurso visual do

slide promove uma percepção para que os alunos vejam as informações e a relevância de utilizar e aperfeiçoar o recurso da visualidade.

Os vídeos dispunham que os alunos obtivessem e compreendessem as diversas temáticas abordadas, como: a cultura surda, história da educação dos surdos; juntamente com as postagens elaborava-se um questionário sobre o assunto, através do qual o aluno seria capaz de responder e também atingir uma desmistificação de pensamento depreciativos encontrados dentro da sociedade ouvinte.

O Instagram atualmente é uma ferramenta muito utilizada, então aproveitamos e usamos isso para criar atividades para os alunos, as quais despertariam interesse deles. Recorrendo aos *stories*, publicações e vídeos que eram postados junto com enquetes para auferir um resultado positivo, como também instigar os alunos à curiosidade de conhecer cada dia mais a língua de sinais.

### 3 ENSINO DE LIBRAS NO PERÍODO REMOTO

Como já abordado, participamos do PIBID, mas não fomos presencialmente à escola, tudo aconteceu remotamente através das telas. Por essa vertente, para completar nossas horas semanais, assistimos a palestras de cunho formativo, nos reunimos para o fortalecimento da Libras e a partir disso ensinamos à nossa supervisora o básico da Libras, pois a mesma não conhecia a língua de sinais, além disso, nos reunimos com o orientador e a supervisora para ter um estudo dialógico com os determinados livros: *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 2020), *Ensino de Libras* (ALBRES, 2016), *O Ouvinte e a Surdez* (GESSER, 2012).

Dessa forma, com base na teoria que estudamos, em abril de 2021, iniciamos um curso básico de Libras para os alunos da escola Adauto Bezerra, dividido em duas turmas: uma de manhã e uma no turno da tarde. Cada turma teve a presença de quatro professores e nos revezamos para ensinar em duplas.

Por conta do nosso contexto atual precisamos utilizar estratégias para melhor interação com esses estudantes, pedimos que os alunos ficassem com a câmera aberta durante a aula e que seria toda ministrada em Libras: nosso ensino e a escolha dos conteúdos foram baseados no contexto dos alunos (FREIRE, 2020) para contribuir com o seu aprendizado e não focando somente no vocabulário. Dessa forma, unimos teoria e prática (GESSER, 2012), a partir do conhecimento sobre a



visão do aluno em relação à Língua de sinais, cultura e identidade Surda nos orientou em como desmistificar e quebrar os preconceitos.

Por essa vertente, o conteúdo ministrado na aula era disponibilizado para os alunos por meio de vídeos para ajudá-los a estudar e praticar. Mas também, para avaliar o desempenho, revisamos o conteúdo passado por meio de dinâmicas criadas no *PowerPoint*, para ser mais divertido e para auxiliar os alunos que tiveram alguma dificuldade no sinal. Como o contexto remoto é cansativo, mudar a didática das aulas corroborou bastante para os alunos estarem mais atentos e gostarem do momento de aprendizado, além do mais, o método de revisão é importante para a memorização e aquisição de uma língua, como também, para sanar as dúvidas de como realizar determinado sinal.

Dessa maneira, conseguimos durante três meses ensinar Libras para alunos ouvintes e avaliar seu desempenho. Todo trabalho deu certo porque foi em grupo, nos reunimos com os outros bolsistas que ensinavam na outra turma, trocamos experiências, medos, sugestões, dicas e todos nós bolsistas nos planejamos em conjunto, após isso recebemos avaliação da supervisora e orientação do coordenador que foi fundamental nesse processo.

#### 4 CONTRIBUIÇÕES PARA FUTURAS DOCENTES

A partir da experiência refletimos que o projeto trouxe vários benefícios na vida dos bolsistas. Primeiramente, participar de uma iniciação à docência é algo bem importante na vida acadêmica dos alunos dos cursos de licenciatura, pois oferece uma oportunidade diferenciada de ter o contato com alunos dentro de sala de aula previamente, não dispendo de esperar até o estágio. O crescimento dentro do programa é notório pois as instruções de coordenador e supervisor/a são primordiais para os futuros professores.

A importância desses tipos de projetos nos oferece uma base para uma formação mais abrangente em uma estrutura de aprendizagem, pois assim como Bakhtin (2010, p. 59) fala, “só um outro pode nos dar acabamento e somente nós poderemos dar acabamento a um outro”. E considerando essa fala percebemos a influência que temos e passamos uns para os outros dentro e fora da sala de aula. A riqueza de conhecimento ofertado nos estudos dos livros, nas formações e palestras nas quais adentramos, é um ambiente que o diálogo se une a aprendizagem



proporcionando aos bolsistas uma percepção e noção de como planejar uma aula, como criar slides, planos para desenvolvimento de artigos, quais os objetivos alcançar, como também dar visibilidade aos alunos de uma forma contextualizada, focando em uma aprendizagem igualitária e com equidade para todos e todas, e que o professor deve ter essa percepção. Tudo isso contribuiu para a nossa vida e para ensinar na sala de aula virtual.

Entretanto, essa experiência trouxe pontos a serem repensados, pois trabalhar de forma online pode se tornar cansativo e desgastante. Por muitas vezes, os meios de comunicação falham devido conexão lenta ou até mesmo a plataforma que não possui uma acessibilidade para o ensino de Libras, além disso, os alunos deveriam visualizar os professores juntamente com o slide para um melhor entendimento sobre o assunto, porém como a maioria dos alunos utilizavam celulares, dificultava ainda mais essa estratégia, fazendo com que a aula tivesse várias pausas. Por isso, enviamos vídeos em Libras para eles estudarem em casa através de slides armazenados no drive para não terem perdas.

Outro ponto que o ensino à distância trouxe foi a falta de participação nas aulas, tanto na interação com os professores como também com os colegas de classe, dificultando esse processo dialógico entre os envolvidos. Observando que com o contato presencial, o andamento das aulas seria outro, já que a visualização se torna algo fundamental para o aprendizado da Libras; quando a câmera estava desligada ou danificada, houve prejuízo para avaliar nossos alunos e ter um contato maior com eles.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, o presente trabalho fundamentou-se nas experiências de três bolsistas do PIBID, em que tivemos contato com a unidade de ensino pública na modalidade remota, a qual trouxe desafios, porém, contribuiu para a nossa vida acadêmica, pois antecipou um pouco do que é ser docente e poder ensinar. Além disso, trouxe a experiência do ensino remoto e o conhecimento de como lidar com essa modalidade, principalmente na área da Libras.

Dessa forma, no decorrer do trabalho, foram relatadas as atividades de como iniciou o curso e foram citadas as ferramentas que favoreceram esse período e as estratégias de ensino, como o uso do Instagram, vídeos em Libras e a criação de

jogos interativos no *Powerpoint*, os quais ajudaram a ministrar as aulas e o desenvolvimento dos alunos. Isso trouxe pontos positivos também na questão de ter mais habilidade no uso das tecnologias e pela oportunidade de trabalhar como professoras.

No entanto, a falta do ensino de forma presencial foi sentida pelos bolsistas. A internet não cooperou durante as aulas, havia quedas de conexão, as telas travavam, entre outras dificuldades. Além disso, os alunos usavam celulares, o que dificultava acompanhar o professor e o slide, fora o contato acontecer de maneira superficial, mesmo estando na sala nos sentimos distantes dos alunos, pois havia pouca participação e interação.

Portanto, sabemos que o ano de 2020 foi um grande marco para o PIBID do curso de Letras-Libras, essa experiência trouxe grandes desafios e contato com novidades que esses futuros professores irão levar para vida toda. Diferente de bolsistas de anos anteriores, esses futuros discentes saberão lidar com a prática do ensino remoto e irão valorizar ainda mais o ensino de forma presencial.

## REFERÊNCIAS

ALBRES, N. A. **Ensino de Libras**: aspectos históricos e sociais para a formação didática de professores. Curitiba: Appris, 2016.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 63. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GESSER, A. **O ouvinte e a surdez**: sobre ensinar e aprender Libras. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **PIBID – Apresentação**. 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid>. Acesso em: 3 jan. 2023.

MOÇO, A. **COVID-19**: tudo sobre coronavírus. *In*: Vida Saudável: o blog do Einstein. São Paulo, 25 fev. 2020. Disponível em: <https://vidasaudavel.einstein.br/coronavirus/covid-19-faq/>. Acesso em: 3 jan. 2023.



## PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ALUNOS SURDOS EM SALAS INCLUSIVAS: UMA ANÁLISE NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE JUAZEIRO DO NORTE-CE

Lidiane Cristina Coelho<sup>25</sup>

Juscelino Francisco do Nascimento<sup>26</sup>

### RESUMO

As razões que nos levaram a buscar uma pesquisa de levantamento sobre os números dos profissionais professores bilíngues nas escolas da prefeitura Juazeiro do Norte se deu porque isso abrange um tema bastante atual, já que esses docentes propiciam a seus alunos o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades. Garantem a seus alunos não apenas o direito ao ingresso, mas também lhes dá as condições de permanência com respeito aos direitos linguísticos dos surdos, garantindo-lhes ampla acessibilidade aos componentes curriculares do curso. Sabe-se que a nova Lei nº 14.191/2021, que dispõe sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos foi publicada há pouco tempo e, apesar da existência de algumas dessas escolas, como previsto na Resolução CEE nº 456 de 01 de junho de 2016<sup>27</sup>, nós devemos continuar lutando por novas escolas bilíngues de surdos. Queremos mostrar a prova das formações de professores bilíngues, que podem ser surdos ou ouvintes, e apresentar os dados e resultados. Existe a Lei Municipal nº 3656, de 23 de março de 2010, do município de Juazeiro do Norte – CE, que institui a obrigatoriedade da inclusão da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) no currículo escolar no âmbito do município de Juazeiro do Norte e dá outras providências (JUAZEIRO DO NORTE, 2010), mas ainda não foi implementada. Percebe-se que começou no ano de 2010 uma lei voltada para Libras em Juazeiro do Norte, mas a Lei de Libras nacional foi promulgada em 2002, sendo que, a partir desta lei, a maioria das escolas, faculdades e outras instituições passaram a ter intérpretes de Libras para os estudantes surdos, e os professores e pais ouvintes começaram aprender a língua de sinais no município.

**Palavras-chave:** educação; escola bilíngue; legislação.

<sup>25</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Formação de Professores (UEPB), e-mail: coelholidiane2012@gmail.com

<sup>26</sup> Juscelino Francisco do Nascimento, Universidade Federal do Piauí (UFPI), e-mail: juscelino@ufpi.edu.br

<sup>27</sup> Art. 13. A escolha da sala de aula regular onde o aluno será escolarizado priorizará como critério a idade cronológica, considerando sua maturidade biológica, cognitiva, psicológica e social e a especificidade de suas diferenças. § 2º Os alunos com surdez deverão ser matriculados, se possível, em maior número na mesma sala de aula ou em escolas e/ou salas de aula bilíngues, preservando, assim, a interação entre os pares surdos e a socialização da Língua Brasileira de Sinais (CEARÁ, 2016).

## 1 INTRODUÇÃO

Analisamos o processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos do Ensino Fundamental Anos Finais em salas inclusivas nas escolas municipais E. E. F. Dr. Leão Sampaio, E. E. F. João Alencar de Figueiredo, Escola Mons. Joviniano Barreto, E. M. E. F. Mário da Silva Bem, E. E. F. Pelúcio Correia de Macêdo e E.E.F. Tarcila Cruz Alencar localizadas em Juazeiro do Norte – Ceará (CE). Qualificar os profissionais e os professores bilíngues surdos que trabalham em escolas inclusivas públicas de Juazeiro do Norte-CE.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na atualidade, qual é a função do professor bilíngue? O professor bilíngue, em geral, tem prazer, em suas aulas, de discutir e compartilhar experiências e próprias metodologias na primeira língua e segunda língua para surdos, e para tanto, é preciso respeitar e valorizar a língua de sinais, a realidade social, linguística e cultural, porque a língua é assim, indissociável à cultura.

Na capital do estado, Fortaleza-CE, há três escolas bilíngues, mas no município de Juazeiro do Norte não há nenhuma instituição em que se trabalhe somente com a língua de sinais, ou seja, somente existe o atendimento de alunos surdos com escolas regulares de inclusão com ensino de Libras ou na sala de AEE, o que não é suficiente para o aluno surdo e foge do conceito de educação bilíngue para surdos. Nesse caso, nos perguntamos: como os alunos se desenvolvem no ensino? Qual é a metodologia utilizada pelos professores?

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no Estado do Ceará existem 250 mil surdos (IBGE, 2011) e, na região do Cariri, são 17 mil. As três escolas bilíngues de surdos estão em Fortaleza, mas, com um conceito diferente, essas escolas bilíngues recebem os estudantes surdos e os ouvintes também.

Sabe-se que o significado da escola bilíngue - muitas pessoas pensam que é igual ao conceito de educação bilíngue e de escola bilíngue - mas é bem diferente. A diferença é que a escola bilíngue ensina uma minoria linguística, por exemplo, os surdos, os povos indígenas e os moradores de fronteiras, mas ela mostra as várias culturas, linguísticas, minorias e estrangeiros.



Evidenciamos que o Ministério da Educação ofereceu as formações, cursos de formação de professores bilíngues no MEC (3 edições), mas há poucos os juazeirenses nesses cursos e que nada sinalizam em Libras.

### **3 METODOLOGIA: classificação da pesquisa**

É possível classificar esta pesquisa segundo sua natureza, seus objetivos, sua abordagem e seus procedimentos técnicos para sua realização (GIL, 2010). Com relação aos objetivos, nos propomos a quantificar e qualificar os dados coletados, identificando potencialidades e fragilidades do processo de ensino e aprendizagem, permitindo que seja feita uma avaliação a partir dos dados que aqui serão apresentados quanto à formação de docentes que irão atuar na educação brasileira, com o objetivo de educar as crianças surdas, por meio da Libras, conferindo aos alunos um ensino formal da sua língua.

A pesquisa terá como ambiente principal para coleta de dados a plataforma do ambiente virtual de aprendizagem do curso bilíngue de qualquer instituição em que será ofertado, na modalidade à distância ou presencial. Pretendemos nos deter aos alunos do Curso Bilíngue, modalidade à distância ou presencial, sendo que, para isso, será elaborado um questionário aos discentes através da plataforma Google ou pessoalmente.

Precisamos compreender que os profissionais que trabalham com atendimento a alunos surdos têm a necessidade de aperfeiçoamento e capacitação contínuos para que os discentes tenham as mesmas oportunidades de desenvolvimento em seus estudos que os demais. É importante quantificar e identificar os professores bilíngues, já que, desde o Decreto 5626/2005, com validade de dez anos, já houve tempo para formação desses profissionais, sendo necessária a sua contratação na área de educação dos alunos surdos.

### **ASSISTIDO VIDEO EM LIBRAS**

Segue esse link de vídeo no Youtube: <https://youtu.be/37kOSYhINgY>

### **REFERÊNCIAS**

CEARÁ. **Resolução nº 456/2016**. Fixa normas para a Educação Especial e para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) dos alunos com deficiência, Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), Altas Habilidades/Superdotação,



no âmbito do Sistema de Ensino do Estado do Ceará. Fortaleza: Conselho Estadual de Educação, 2016. Disponível em: <http://www.mpce.mp.br/wp-content/uploads/2016/02/20170024-RESOLUCAO-456-2016.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2022.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Rev. Brasileira de Educação**, [S. l.], n. 23, maio-ago. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/FPTpjZfwdKbY7qWXgBpLNCN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 jan. 2023.

FORTALEZA. **Prefeitura de Fortaleza cria primeira escola municipal bilíngue para surdos**. Prefeitura de Fortaleza, Notícias, 7 jan. 2014. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-de-fortaleza-cria-primeira-escola-municipal-bilingue-para-surdos>. Acesso em: 3 jan. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, J. **Lei da Educação Bilíngue de surdos aprovada, e agora?** Uníntese, Social Media na Uníntese, 6 ago. 2021. Disponível em: [https://unintese.com.br/blog/lei-da-educacao-bilingue-de-surdos-aprovada-e-agora#:~:text=A%20Lei%2014.191%20de%202021,instru%C3%A7%C3%A3o%20\(Libras%20%E2%80%93%20L1\)](https://unintese.com.br/blog/lei-da-educacao-bilingue-de-surdos-aprovada-e-agora#:~:text=A%20Lei%2014.191%20de%202021,instru%C3%A7%C3%A3o%20(Libras%20%E2%80%93%20L1)). Acesso em: 3 jan. 2023.

ICES. Instituto Cearense de Educação de Surdos - ICES. **Escola Bilíngue para Surdos**. [20--]. Disponível em: <https://sites.google.com/site/aeecrpf/ices>. Acesso em: 3 jan. 2023.

JUAZEIRO DO NORTE. **Lei nº 3656, de 23 de março de 2010**. Institui a obrigatoriedade da inclusão da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS - no currículo escolar no âmbito do Município de Juazeiro do Norte e dá outras providências. Juazeiro do Norte, 2010. Disponível em: [https://www.juazeironorte.ce.gov.br/arquivos/1345/LEI%20MUNICIPAL\\_3656\\_2010\\_000001.pdf](https://www.juazeironorte.ce.gov.br/arquivos/1345/LEI%20MUNICIPAL_3656_2010_000001.pdf). Acesso em: 3 jan. 2023.

MORET, M. F. F; MENDONÇA, J. G. R. **A proposta bilíngue na educação de surdos**: práticas, pedagógicas no processo de alfabetização. Porto Velho-RO, 2016.

NORDESTE, Diário do. CE tem apenas duas escolas com ensino bilíngue. **Diário do Nordeste**, 14 maio 2011. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/ce-tem-apenas-duas-escolas-com-ensino-bilingue-1.369266>. Acesso em: 14 jun. 2022.



## UM “OLHAR” SOBRE A INCLUSÃO DE CRIANÇAS SURDAS NO ENSINO FUNDAMENTAL DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE JUAZEIRO DO NORTE-CE: UM ESTUDO DE CASO DA EEIF PADRE CÍCERO

João Assis da Cruz Neto<sup>28</sup>

Marcelo Oliveira Santiago<sup>29</sup>

### RESUMO

Este trabalho de pesquisa foi desenvolvido no ano de 2013, no âmbito do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável (PRODER), da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Frente às mudanças advindas com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, publicada no ano de 2008 (DUTRA; SANTOS, 2010), buscou-se compreender o processo de inclusão de alunos surdos na EEIF Padre Cícero, escola considerada referência no município de Juazeiro do Norte. Realizou-se um Estudo de Caso, utilizando como instrumentos de coleta de dados entrevistas e observações em sala de aula comum e no Atendimento Educacional Especializado (AEE) (LÜDKE; ANDRÉ, 2013). Foram entrevistadas a diretora, a professora do Centro de Multimeios, a professora da Sala do AEE, professoras de classe comum e as intérpretes de Libras. As observações foram realizadas em três salas, tendo uma aluna surda em cada uma delas. Os resultados da pesquisa demonstraram que apesar de as professoras e intérpretes apresentarem nível de formação acadêmica compatível com suas funções, demonstravam despreparo para lidar com a inclusão (GOFFREDO, 1999). Nas observações realizadas percebeu-se que as metodologias de ensino utilizadas pelas professoras não despertavam o interesse das alunas surdas e havia pouca interação entre as alunas surdas e as intérpretes (QUADROS, 2007). Diante disso, é possível concluir que apesar de ser considerada uma referência no município, a escola pesquisada não se constituía como um espaço efetivo de interação, aprendizagem e desenvolvimento da criança com surdez.

**Palavras-chave:** educação; inclusão; surdez.

### 1 INTRODUÇÃO

Ao iniciar a pesquisa no âmbito do município de Juazeiro do Norte, após ter sido feito um levantamento das escolas municipais com matrículas de alunos surdos no ensino fundamental (através de dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação), e buscando ter um “universo” de escolas compatível com as limitações de tempo da pesquisa, optou-se pelo nível Fundamental I. A partir daí buscou-se conhecer mais de perto a realidade de pelo menos três instituições educacionais do

<sup>28</sup> 19ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE 19), e-mail: assisgeoneto@gmail.com

<sup>29</sup> Universidade Federal do Cariri – UFCA, e-mail: marcelo.santiago@ufca.edu.br



município, entre estas a Escola de Ensino Infantil e Fundamental Padre Cícero. Ao iniciar a pesquisa (no dia 13 de maio de 2013) na referida escola detectou-se uma situação bastante peculiar. Segundo informações da Diretora Administrativa da escola, a escola foi reaberta no ano de 2005 com o objetivo de realizar a inclusão de alunos com “deficiência” no município e desde então vem sendo desenvolvido um trabalho de reconhecida importância a nível municipal, tornando-a uma referência no atendimento de alunos com essas características.

Considerando-se o contexto acima descrito, a presente pesquisa teve por base um Estudo de Caso da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Padre Cícero (Juazeiro do Norte, Ceará), mais especificamente no que concerne ao seu trabalho de atendimento aos alunos com surdez.

## 2 METODOLOGIA

A presente pesquisa teve por base um Estudo de Caso da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Padre Cícero (Juazeiro do Norte, Ceará), mais especificamente no que concerne ao seu trabalho de atendimento aos alunos com surdez. Conforme Lüdke e André (2013, p. 20):

O estudo de caso é o estudo de um (grifo no original) caso, seja ele simples e específico, [...] ou complexo e abstrato [...]. O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular. [...] O interesse, portanto, incide naquilo que ele tem de único, de particular (LÜDKE; ANDRÉ, 2013, p. 20).

Portanto, a trajetória da escola Padre Cícero reflete estas características particulares, que podem contribuir para uma melhor compreensão sobre a implementação da Política Nacional de Inclusão no âmbito do município pesquisado. Considerando-se ainda o interesse em conhecer esta realidade de forma aprofundada e contextualizada, adotou-se a abordagem qualitativa de pesquisa. Segundo Minayo (2010, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (MINAYO, 2010, p. 21).



Portanto, “representar” e “interpretar” processos como o da inclusão escolar de alunos surdos requer a utilização de um instrumental teórico-metodológico capaz de contemplar essas particularidades da realidade em estudo.

A presente pesquisa foi norteada pelas seguintes questões: há profissionais qualificados e habilitados para o trabalho pedagógico junto a alunos surdos na escola regular? A escola regular tem sido capaz de desenvolver um trabalho colaborativo e em equipe entre os seus profissionais que considerem as especificidades de aprendizagem dos alunos surdos, como proposto pela Política Nacional de Inclusão?

Para os fins propostos pela pesquisa utilizou-se como instrumentos para a coleta de dados as entrevistas, as observações em sala de aula e os dados e informações complementares. A pesquisa na escola aconteceu entre o período de 13 de maio a 18 de outubro de 2013. Foram observadas três turmas do ensino fundamental I (1º “A”, 2º “B” e 5º “B”), tendo em cada uma delas uma aluna surda regularmente matriculada. Cada uma das turmas foi observada por um período aproximado de dez horas, em diversos momentos do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula.

As entrevistas aos profissionais foram realizadas na própria escola em momentos intercalados com o das observações em sala de aula. Foram entrevistados nove profissionais da escola, sendo estes: professor(a) da sala de recursos multifuncionais, três professores regentes de sala, três intérpretes/tradutores de LIBRAS, professor(a) da biblioteca e a diretora administrativa da instituição. Foram feitas em média dez perguntas para cada um dos profissionais envolvendo diversas questões relacionadas à inclusão do aluno com surdez e às ações voltadas para efetivar este processo.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Como sustenta Goffredo (1999, p. 45):

A escola, para que possa ser considerada um espaço inclusivo, precisa abandonar a condição de instituição burocrática, apenas cumpridora das normas estabelecidas pelos níveis centrais. Para tal, deve transformar-se num espaço de decisão, ajustando-se ao seu contexto real e respondendo aos desafios que se apresentam (GOFFREDO, 1999, p. 45).

Assim, ao se propor inclusiva, capaz de receber e acolher a diversidade de alunos (as), a escola precisa saber construir e/ou aperfeiçoar a sua autonomia para que possa desenvolver projetos e propostas pedagógicas próprias e de acordo com as suas demandas e necessidades, que são as demandas do seu alunado e da



comunidade ao qual está inserida. Nesta perspectiva, o papel da gestão escolar é decisivo. Os gestores escolares precisam ter consciência do papel social da escola em meio a uma sociedade capitalista em que está presente uma enorme diversidade socioeconômica, cultural, étnica, religiosa etc.

A escola precisa ousar fazer diferente sem medo de arriscar, tornar-se um espaço de decisão com metas e objetivos bem definidos e construídos com a participação de todos (equipe gestora, funcionários, professores, alunos (as), pais e membros da comunidade), para que possa dar respostas efetivas às demandas específicas de aprendizagem do seu alunado. As ações e decisões, portanto, precisam ser socializadas, descentralizadas, para que possam tornar-se metas comuns a todos que da escola fazem parte. A construção de projetos coletivos voltados para a meta da inclusão escolar, visando a sua transformação e a construção de uma cultura inclusiva<sup>30</sup> na escola é fundamental. Sobre esta questão cabe destacar mais um aspecto enfocado na pesquisa, que esteve presente nas declarações de quase todos os profissionais entrevistados. É necessário mais espaço para a interação e discussão sobre a questão da inclusão dos alunos com deficiência.

Porém, ao se falar em inclusão, não cabe apenas pensar em alunos com deficiência, mas sim pensar a escola com as suas práticas e modelos pedagógicos, muitas vezes inadequados para os novos tempos de mudança de paradigma como o que estamos vivenciando atualmente.

A vivência escolar tem demonstrado que a inclusão pode ser favorecida quando se observam as seguintes providências: preparação e dedicação dos professores; apoio especializado para os que necessitam; e a realização de adaptações curriculares e de acesso ao currículo, se pertinentes (CARVALHO, 1999, p. 52).

#### 4 CONCLUSÕES

Os dados e informações coletados através da pesquisa demonstraram que a instituição de ensino alvo da pesquisa, apesar de ser considerada uma referência na inclusão de alunos com deficiência no âmbito do município de Juazeiro do Norte, ainda não se constitui como um espaço efetivo de interação, aprendizagem e desenvolvimento da criança com surdez.

---

<sup>30</sup> Entendida no sentido da mudança necessária nas práticas escolares, compreendendo a escola enquanto espaço de mudança social que busca romper com as práticas excludentes (individualismo, competitividade, preconceitos e estereótipos) e construir um espaço de diálogo e tolerância entre os seus membros.

Constatou-se que apesar de dispor de um quadro profissional com nível satisfatório de formação acadêmica e experiência no atendimento a alunos com deficiência, há lacunas na formação dos professores e dos profissionais intérpretes de LIBRAS e que as iniciativas de formação e aperfeiçoamento têm partido principalmente dos próprios profissionais. Constatou-se também que a escola ainda não conseguiu efetivar a proposta de trabalho em equipe e o contato efetivo dos seus profissionais com os pais ou responsáveis pelos alunos.

## REFERÊNCIAS

- CARVALHO, R. E. Integração e Inclusão: do que estamos falando? *In*: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Salto para o Futuro: Educação Especial: tendências atuais**. Brasília: SEED, 1999. p. 35-43.
- DUTRA, C. P.; SANTOS, M. C. D. Os rumos da educação especial no Brasil frente ao paradigma da educação inclusiva. **Revista da Educação Especial**, [S. l.], v. 5, n. 2, 2010.
- GOFFREDO, V. L. F. S. A escola como espaço inclusivo. *In*: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Salto para o Futuro: Educação Especial: tendências atuais**. Brasília: SEED, 1999. p. 45-50.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.
- MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e língua portuguesa**. 2. ed. Secretaria de Educação Especial, Brasília: MEC; SEESP, 2007.



## PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO EM HISTÓRIAS SINALIZADAS SURDAS EM JUAZEIRO DO NORTE-CE

Mardônio dos Santos Aguiar de Oliveira.<sup>31</sup>

João Assis da Cruz Neto.<sup>32</sup>

### RESUMO

A presente pesquisa foi realizada em 2020, no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação (MPEDU) da Universidade Regional do Cariri (URCA). Ao analisar a trajetória histórica dos surdos desde a antiguidade até os dias atuais, pode-se observar como estes têm sido alvo de diversas formas de preconceito. Dentre essas formas de preconceito merece destaque o preconceito linguístico, que assumiu grandes proporções a partir do Congresso de Milão de 1880, na Itália, que privilegiou o Oralismo. Os reflexos dessa decisão se refletem até hoje na educação e na sociedade, sendo motivo de preconceito e discriminação contra a língua e a cultura surdas. Neste contexto, buscou-se investigar em alguns sujeitos surdos, as “marcas” do preconceito e da discriminação presentes nas suas histórias de vida. A pesquisa foi realizada através de estudo bibliográfico e de entrevistas na língua natural dos sujeitos surdos participantes. O estudo possibilitou a discussão e reflexão sobre importantes questões que interferem na forma como a sociedade vê o surdo, a sua língua e a sua cultura. Os resultados da pesquisa demonstraram que nas histórias de vida desses sujeitos existem “marcas” do preconceito e da discriminação na família, na escola e no trabalho. As “lembranças” destes acontecimentos causam prejuízos à vida e ao desenvolvimento do indivíduo, afetam a sua autoestima e causam traumas. São decorrentes do desconhecimento da surdez enquanto diferença, da língua e da cultura surda.

**Palavras-chave:** preconceito; língua; cultura surda; histórias sinalizadas.

### 1 INTRODUÇÃO

A história das pessoas surdas ou com deficiência auditiva tem sido marcada pela discriminação e pelo preconceito. Este contingente da população, que inclui amplo contingente de pessoas surdas e com graus variados de deficiência auditiva não tiveram condição humana reconhecida como tal. Por muito tempo esses indivíduos foram submetidos a reclusão em asilos, entre outras formas de completa exclusão, sem aventar a possibilidade de que tivessem direito à escolarização ou a outro direito social básico, a comunicação. Tais condições que surgem da própria convivência entre surdos e ouvintes vêm fortalecendo o preconceito e a discriminação, que

<sup>31</sup> UNIVASF, e-mail: mardonio812@gmail.com

<sup>32</sup> 19ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE 19), e-mail: assisgeoneto@gmail.com



vigoraram desde a Antiguidade. Dunn (2008), refletindo sobre essa realidade, afirma que essa história de discriminação passa a ser apontada como justificativa para fracassos e desigualdades sociais.

Ciente do desafio que é pesquisar, refletir e abordar esse tema, que envolve histórias de fracassos e desigualdades sociais, mas também de superação, na perspectiva da diversidade de sentidos, significados e processos próprios das sociedades e seus sistemas econômicos, de comunicação e informação, bem como as formas de relações sociais. Pois o preconceito e a discriminação contra pessoas surdos têm relação com o sistema econômico injusto e desigual do qual fazemos parte, com sistemas de comunicação muitas vezes sem acessibilidade para os surdos, como a maioria dos canais televisivos, bem como nas relações sociais em que os surdos ficam em desvantagem por não terem tido oportunidades, principalmente de uma boa escolarização.

Toda esta realidade demonstra que o fracasso de alguns grupos e o sucesso de outros estão relacionados à aceitação das desigualdades sociais, marcadas pelo preconceito e pela discriminação objetiva contra grupos minoritários. Mesmo tendo estas sociedades instituído normas sociais, orientações constitucionais e procedimentos jurídicos que condenam firmemente as manifestações de preconceito e atitudes contra a comunidade surda.

Neste sentido, para mim, assim como acredito ter sido para muitas pessoas surdas que não possuíam contato com a cultura e identidade surda, foi curioso, e ao mesmo tempo complexo, compreender que o que a sociedade vê como deficiência, é na verdade, uma diferença linguística e cultural. Na realidade, a maioria da sociedade não conhece a realidade dos surdos, sua língua e sua cultura surda, o discurso clínico disseminado que concebe os surdos como deficientes, incapazes e que os veem apenas como pessoas que possuem um corpo danificado, era o que fazia eu “olhar” com certa estranheza a mim mesmo, bem como é o que faz com que a sociedade não aceite e ignore o surdo (PERLIN, 2003).

Diante disso, delinea-se o objetivo principal da pesquisa: analisar a condição do surdo, como sujeito social, que em suas diversas interações cotidianas, inevitavelmente, prescinde da comunicação com ouvintes, que raramente dominam a Libras, a partir de relatos de história de vida de surdos em Juazeiro do Norte.

## 2 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada através de estudo bibliográfico e de entrevistas, na língua natural dos sujeitos surdos participantes. O estudo, de natureza qualitativa, possibilitou a discussão e reflexão sobre importantes questões que interferem na forma como a sociedade vê o surdo, a sua língua e a sua cultura. Foram entrevistados 3 (três) sujeitos surdos, todos pertencentes à comunidade surda de Juazeiro do Norte, porém, com perfis pessoais e profissionais distintos. As entrevistas foram realizadas entre os dias 29 de maio e 3 de junho de 2020, todas realizadas de forma remota, devido a Pandemia do Covid-19, utilizando-se dos recursos da tecnologia digital.

## 3 DESENVOLVIMENTO

Ao refletir sobre a questão do preconceito e da discriminação com relação as pessoas surdas, percebe-se que desde a Antiguidade, até hoje, a perspectiva histórica foi marcada por estereótipos, preconceito e discriminação contra os surdos, assumidas de diferentes formas. Em épocas mais remotas, indivíduos que não tinham a capacidade de ouvir ou falar, não eram tidos como humanos, e em algumas sociedades, excluídos ou eliminados. Na história do povo surdo<sup>33</sup> estão evidentes essas “marcas” que identificam o surdo como um ser incompleto, incapaz, deficiente, “*cópia mal feita do ouvinte*”. A partir dessa concepção do surdo, todo tipo de violência física e simbólica foi exercida, colocando estes indivíduos à margem da sociedade, passando por extermínio, reclusão e isolamento em casa, proibição do uso da língua de sinais, de receber educação ou instrução.

Cito o exemplo de preconceito que aconteceu na escola, narrado por um dos sujeitos surdos participantes da pesquisa:

Recordo-me de dias que me causaram trauma, não entendia nada que uma professora explicava, espera ansioso o recreio para ir lanche e brincar com os alunos ouvintes. Certa vez, fiquei muito angustiado, pois não percebi o “toque” do recreio, mas segui os colegas em fila para a merenda, cheguei e recebi o lanche, mas não queria comer, me sentia enjoado, uma professora viu, chamou minha atenção e queria me obrigar a comer tudo, me puxou pela orelha, enquanto isso, os alunos olhavam para mim, achei que eles estivessem rindo ou zombando de mim. Fiquei com muita raiva da “desgraçada” da professora, pois achei que ela agiu com preconceito comigo. Pensei em desistir daquela escola municipal, não voltar mais, estava sentindo

<sup>33</sup> A expressão “Povo surdo” refere-se a um grupo de sujeitos surdos que tem costumes, história e tradições em comum, além disso, constroem sua concepção de mundo a através da visão (STROBEL, 2009). Tal expressão não significa necessariamente a existência de um povo “não-surdo”, nem propõe nenhuma forma de separação ou segregação social, foi construída e elaborada apenas para fazer referência a um grupo social com características históricas, sociais e culturais em comum.



uma grande insegurança, pois não sabia o que ainda me esperava (relatório pelo surdo).

Dessa forma, desde a segregação em escolas especiais, até atuais propostas pedagógicas de inclusão, utilizadas “como mais uma metodologia colonialista, a-histórica e despolitizada”, que consistem em apenas permitir o uso da língua de sinais, sem, no entanto, empreender qualquer ação no sentido de transformar as relações sociais, culturais e institucionais (SÁ, 2002, p. 28).

Diante disso, percebe-se que ainda existe discriminação e preconceito na história com relação ao surdo, não há, nem nunca houve, uma preocupação séria com tal questão, quanto ao fato de que os sujeitos surdos nascidos no Brasil, filhos de pais brasileiros, tal como qualquer outro cidadão ouvinte nascido aqui tem, portanto, os mesmos direitos. Mas o problema está não somente com relação a língua de sinais e a cultura surda que carecem de status igualitário frente à sociedade, elas sequer são reconhecidas em suas diferenças.

Há ainda o preconceito de achar o surdo menos capaz que o ouvinte, impondo limites à sua capacidade, conforme relato de outro sujeito surdo que respondeu a entrevista e falou sobre sua vida familiar no passado:

Já estava com 15 anos e não tinha muita liberdade para sair, praticamente apenas saía para ir à escola, mas eu queria ser livre para andar na rua, ter contato com os vizinhos, abrir a minha mente, mas minha mãe não permitia (relatório pelo surdo).

Não só na família e na escola o surdo se depara com situações de preconceito e discriminação. Quando já adulto, e busca trabalho, são várias as barreiras a enfrentar. Vejamos este relato de um dos surdos que participou das entrevistas.

Certa vez, eu e outro funcionário surdo da farmácia conversávamos um pouco, aproveitando fluência e conhecimento Libras, uma moça que trabalhava no caixa ficou nos observando e ligou para o gerente, pouco tempo depois ele desceu e avisou que não podia conversar no serviço. Mas falei que tudo bem, fiquei pensando como o gerente soube que conversávamos? Sabia que foi a moça do caixa que havia avisado, então resolvi perguntar para ela: por que você avisou ao gerente? e ela disse ‘não posso conversar com surdo, porque não entendo nada e vai atrapalhar o serviço’. Mas, se fosse conversar com ouvinte podia porque não ia atrapalhar nada. Então, existe o preconceito contra o surdo, quando pensam que o surdo não tem capacidade profissional, por exemplo (relatório pelo surdo).

Neste sentido, busca-se traçar o caminho percorrido para a constituição identitária e cultural do sujeito surdo, enquanto minoria linguística, caminho que se

contrapõe ao preconceito e discriminação impostos pela sociedade ouvinte majoritária.

Desde o passado até de hoje, os surdos tentam chamar atenção para uma adequada compreensão da sua realidade nas escolas, na família e na sociedade, tentam sobreviver e manter sua língua e cultura frente ao longo histórico de opressão e preconceito mantidos pela sociedade. O preconceito e a discriminação impostos ao surdo, por sua vez, não é decorrente de fatores comuns na sociedade como idade, sexo, questão racial, religiosa, cultural ou social, eles podem ser traduzidos, conforme a literatura científica, como processos históricos baseados em outro tipo de diferença, que pode ser compreendida a partir do estudo de conceitos como os de audismo e ouvintismo.

Em 1975, Tom L. Humphries foi um estudante de doutorado no Instituto União em Cincinnati, Ohio. Enquanto trabalhava em sua tese chamada *Comunicação entre culturas surdo-auditivo e aprendizagem de línguas*, Humphries criou o termo *audism* (em inglês). Ele definiu audismo como a noção de que é superior com base na capacidade de um para ouvir ou se comportar à maneira de quem ouve.<sup>34</sup> Segundo Lane (1992, p. 52), “Seria oportuno ter um nome que traduzisse o esforço dos ouvintes que apregoam estar ao serviço dos surdos; pedindo emprestado um termo do educador e autor americano surdo Tom Humphries, denominá-lo-ei ‘Audismo’”.

O sujeito surdo é visto, neste sentido, como digno de pena e dependente (LANE, 1992). O audismo reflete, assim, a suposta superioridade daquele que ouve (ouvintes), que tem a capacidade para ouvir, traduz-se no preconceito contra o sujeito surdo, especificamente, enxergando-o como alguém incapaz (SILVA; CAMPELO; NOVENA, 2012). Portanto, este foi um dos primeiros conceitos criados com o intuito de explicar a relação que se estabelece entre surdos e ouvintes, a suposta “superioridade ouvinte”, e a criação dos “rótulos” negativos sobre os surdos, situação enfrentada pelo surdo no decorrer da história.

<sup>34</sup> *Deaf History Month: Audism*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xIGnELWkfAL>. Acesso em: 11 jun. 2020.

#### 4 CONCLUSÕES

O estudo possibilitou a discussão e reflexão sobre importantes questões que interferem na forma como a sociedade vê o surdo, a sua língua e a sua cultura. Os resultados da pesquisa demonstraram que nas histórias de vida desses sujeitos existem “marcas” do preconceito e da discriminação na família, na escola e no trabalho. As “lembranças” destes acontecimentos causam prejuízos à vida e ao desenvolvimento do indivíduo, afetam a sua autoestima e causam traumas. São decorrentes do desconhecimento da surdez enquanto diferença, da língua e da cultura surda.

#### REFERÊNCIAS

DUNN, L. The burden of racism and audism. *In*: BAUMAN, H-Dirksen L. (Ed.), **Open Your Eyes: Deaf Studies Talking**. University of Minnesota Press, s.p (livro digital), 2008.

LANE, H. **A Máscara da benevolência**. A comunidade surda amordaçada. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 1992.

PERLIN, G. T. T. **O ser e o estar sendo surdo**: alteridade, diferença e identidade. 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SÁ, N. R. L. **Cultura, poder e educação de surdos**. Manaus: Editora Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SILVA, J. G; CAMPELO, L. B. B; NOVENA, N. P. **Desejos e afetividades que não querem calar**: o grupo LGBT surdos de Pernambuco. Trabalho apresentado no evento: Pesquisa e Educação na Contemporaneidade: Perspectivas Teórico-metodológicas, Caruaru.

STRÖBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.



## A INTERFERÊNCIA NO DISCURSO DOS SINALIZANTES BILÍNGUES DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA

Alan Marlon de Mattos<sup>35</sup>

Éverly Pegoraro<sup>36</sup>

### RESUMO

O presente texto discorre sobre a interferência entre sinalizantes de Libras e Língua Portuguesa e objetiva compreender como esse processo ocorre em línguas com modalidades diferentes: a Libras é visuo-espacial e a Língua Portuguesa oral-auditiva. Quanto à metodologia utilizada para este trabalho, trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, baseada em alguns estudos realizados acerca da temática, a fim de ampliar os conhecimentos sobre a interferência ou alternância, termo utilizado por alguns autores para se referir a esse movimento de uso de uma língua em contato com a outra. Além disso, de forma empírica, observou-se que é recorrente o uso dessas alternâncias em sujeitos sinalizantes. Durante a pesquisa realizada, notou-se que os estudos relacionados à alternância de línguas são focalizados em línguas orais, enquanto os focados em línguas de sinais são poucos e recentes. Diante disso, percebe-se a necessidade de mais pesquisas relacionadas à temática.

**Palavras-chave:** Libras; língua portuguesa; interferências; alternâncias.

## INTERFERENCE IN THE SPEECH OF BILINGUAL SIGNERS OF LIBRAS AND PORTUGUESE LANGUAGE

### ABSTRACT

The present text deals with the interference that occurs between signers of Libras and the Portuguese Language and aims to understand how this process occurs since they are languages with different modalities, with Libras being a visual-spatial language and Portuguese oral-auditory. As for the methodology used for this work, it is a bibliographic research, based on some studies carried out on the subject, in order to expand knowledge about interference or alternation, a term used by some authors to refer to this movement of use of one language in contact with the other, in addition, empirically it was observed that the use of these alternations in signaling subjects is recurrent. During the research carried out, it is noted that studies related to language switching are focused more on oral languages, while studies on sign languages are few and recent. In view of this, there is a need for more studies related to the theme to be developed, it is important to note that this text briefly explores the theme and in order to obtain more consistent data, further studies would be necessary.

**Keywords:** Libras; portuguese language; interferences; alternations.

<sup>35</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), e-mail: [alandemattos@unicentro.br](mailto:alandemattos@unicentro.br).

<sup>36</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Unicentro e do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), e-mail: [everlypegoraro@gmail.com](mailto:everlypegoraro@gmail.com).

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva compreender se a Libras sofre alguma interferência da Língua Portuguesa e vice-versa, visto que estamos falando de duas línguas com modalidades e estruturas diferentes. A pesquisa se baseará em estudos já realizados a respeito da temática, embora de antemão já destacamos que são poucos sobre a influência<sup>37</sup> e/ou interferência de línguas com modalidades diferentes. O trajeto que percorremos durante este artigo será por meio de pesquisas bibliográficas, em que apresentaremos alguns conceitos considerados relevantes para a compreensão desse fenômeno que ocorre em sujeitos bilíngues.

## 2 LIBRAS ENQUANTO LÍNGUA

A Língua brasileira de sinais (Libras) é considerada o meio de comunicação e expressão da pessoa surda sinalizante. Assim como as línguas orais, a Libras possui uma estrutura gramatical que embasa seu funcionamento. O que a difere das línguas orais é a modalidade de produção e recepção. Nestas, a modalidade é oral-auditiva, ou seja, toda a sua estruturação segue um modelo sonoro e oral para ser realizado, enquanto na Língua de Sinais a modalidade é gestual-visual, ou seja, ela é compreendida por meio da visão e produzida no espaço por meio de sinais.

Para entender melhor a Libras enquanto língua, podemos ter como base os estudos desenvolvidos por William Stokoe, em 1960, que, a partir da observação de alguns surdos sinalizando, sentiu interesse em estudar esses sinais, aplicando a eles os métodos da linguística estrutural, para que dessa forma pudesse saber se seria uma língua ou não.

[...] os resultados de seus estudos demonstraram evidências de que, ao contrário do que se pensava até então, a língua e sinais dos surdos tem estrutura e função semelhantes às demais línguas, veiculada por um sistema que utiliza um meio sensorial diferente (HARRISON, 2013, p. 30).

Baseado nos estudos realizados na Língua de Sinais Americana (ASL), Stokoe criou alguns termos para definir os elementos que constituem as línguas de sinais, sendo:

- Sinal: a menor unidade da língua de sinais com significado;
- Gesto: movimento comunicativo não analisável linguisticamente;

<sup>37</sup> Citamos como exemplo as pesquisas de SOUSA e QUADROS (2011) e SILVA e CHAVEIRO (2017).

- Quirema (do grego: kiros = mãos): conjunto de posições, configurações ou movimentos que tenham a mesma função na linguagem, o ponto de estrutura da língua de sinais (análogo ao 'fonema' nas línguas orais);
- Alocação: qualquer um do conjunto de configurações, movimentos ou posições, i.e, quimera, que sinaliza identicamente na língua (HARRISON, 2013, p. 30).

Além disso, foram estabelecidos três parâmetros que são responsáveis pela criação e produção dos sinais: a Configuração de mãos (CM), a Locação (L) e o Movimento (M). Os estudos realizados por William Stokoe tiveram grande relevância nos movimentos dos surdos, pois foi por meio deles que se obteve comprovação científica a respeito das línguas de sinais, fazendo com que ela passasse a ter um status de língua, assim como as orais.

Com a difusão mundial desses estudos, outros pesquisadores passaram a ter interesse em aprofundar seus conhecimentos nas línguas de sinais, como foi o caso de Robbin Battison que, estudando a língua de sinais a partir das descobertas de William Stokoe, adicionou mais dois parâmetros formacionais, responsáveis pela criação e produção dos sinais: Orientação de mãos e Não Manuais (ENM), entendidos também como expressões faciais e corporais (EFC), reafirmando novamente o status de língua das línguas de sinais.

Após esses estudos e referida comprovação, a Libras passa então a ter um status de língua assim como as orais. Além disso, é considerada a língua natural das pessoas surdas e o seu processo de aquisição ocorre de maneira similar às outras línguas, a única diferença refere-se à modalidade. Harrison (2013) aponta que:

Quando falamos, um complexo sistema de órgãos e funções entra em ação, basicamente: lábios, língua, dentes, nariz (para articular as palavras), a laringe (para produzir a voz) e os pulmões, que produzem o ar que passa pela laringe e depois pela boca, e finalmente as palavras se deslocam pelo ar, para chegar aos nossos ouvidos, onde as escutamos e compreendemos (HARRISON, 2013, p. 31).

As línguas de sinais "são produzidas por movimentos das mãos, corpo e expressões faciais em um espaço à frente do corpo, chamado de espaço de sinalização. A pessoa "recebe" a sinalização pela visão, razão pela qual as línguas de sinais são chamadas de visuo-espaciais ou espaço-visuais" (HARRISON, 2013, p. 31).

Por meio desses estudos, as línguas de sinais obtiveram comprovação de que possuem características e qualidades. Assim como as línguas orais, os movimentos



surdos passam a ter subsídios científicos para reivindicar respeito à sua língua e que a sua condição bilíngue fosse aceita.

### 3 SUJEITO BILÍNGUE

O sujeito surdo pode ser entendido enquanto um ser bilíngue, visto que vive em um contexto onde a sua língua natural não é conhecida pela maioria. Também vive em uma sociedade falante de outra língua majoritária, completamente diferente da sua e considerada natural. Automaticamente, os sujeitos surdos se tornam bilíngues, pois necessitam estar em contato com uma segunda língua para que o seu convívio em sociedade possa ocorrer, porém, essa segunda língua que aprendem é na modalidade escrita.

Para entender o motivo pela qual o surdo pode ser considerado bilíngue, acreditamos ser relevante compreender o conceito de bilinguismo. Oliveira-Silva e Chaveiro (2017) apontam que, à primeira vista, definir este conceito parece fácil, pois bi - significa duas e *língua* - língua, dessa forma, consideramos bilíngue aquela pessoa que fala duas línguas. Entretanto, o conceito de bilinguismo é mais amplo. A pessoa bilíngue pode ser considerada aquela que usa em seu cotidiano mais de uma língua, sendo assim, o bilinguismo está relacionado ao uso e não à fluência com que são falados.

Dessa forma, o surdo se faz bilíngue por usar em seu cotidiano a sua língua natural, a Libras, e a Língua Portuguesa na modalidade escrita, mesmo que de forma não fluente.

Em relação às características do indivíduo (graus variados de competência e diferentes modos de fala), às características sociológicas do contexto (local, participantes, situação, tópico) e à função da interação, e é nesse sentido que visualizamos o bilinguismo da pessoa surda, onde a competência bilíngue está sempre em processo de desenvolvimento em uma daquelas características (OLIVEIRA-SILVA; CHAVEIRO, 2017, p. 122).

Ao serem consideradas outras características além da fluência de uma língua, quando se olha para o contexto e o uso que o indivíduo faz dela, o surdo passa a ser entendido como bilíngue, já que nasceu em um ambiente onde há o uso de duas línguas.

Para a educação bilíngue, o aprendizado de duas línguas deve ser de forma independente uma da outra e simultânea. Dessa forma, quando os sujeitos são expostos ao aprendizado simultâneo de duas línguas, é normal que ocorra mudança



de códigos, que pode ser entendida como o uso alternado de duas línguas (OLIVEIRA-SILVA; CHAVEIRO, 2017), seja de uma palavra, frase ou sentença, durante a sua fala.

Estas mudanças de código na língua são uma forma de expressar de forma mais clara alguns conceitos, além de marcar identidade, expressar seu status e até mesmo sanar alguma necessidade linguística de expressão. Acredita-se que é por esta razão que os indivíduos acabam fazendo essas alterações no momento de suas falas.

Além dessas trocas que podem vir a ocorrer na fala do indivíduo bilíngue, outro fenômeno ao qual estão sujeitos é a adoção de elementos externos à sua língua de origem. Quando o falante não encontra palavras para expressar suas ideias na língua que pronuncia, ele recorre ao uso da outra para se expressar e isso se caracteriza como um dos fenômenos citados acima. Na literatura, diferentes termos são utilizados para se referir a esse fenômeno, sendo apresentados como transferências e reprodução dos modelos originais, interferências e empréstimo.

#### **4 INTERFERÊNCIA DA LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA**

Na língua de sinais, os sinais são comparáveis às palavras nas línguas orais e a formação deles ocorre por meio da combinação dos cinco parâmetros da Libras, que são a Configuração de Mãos (CM, que é a forma e posição da mão na realização do sinal), o Ponto de Articulação (PA, local onde o sinal é realizado), Movimento (MOV), a Orientação de Mãos (O, direção em que a palma da mão está voltada) e a Expressão Facial e Corporal (EFC), esses são considerados parte da fonologia da Libras.

A CM é responsável por determinar a forma da mão na realização do sinal e, além disso, é por meio dela que são realizados os empréstimos linguísticos da Língua Portuguesa. Quando fazemos o uso da Datilologia ou do Alfabeto Manual, é este o parâmetro responsável por esta ação. A datilologia é a representação ortográfica do português em que cada configuração de mãos corresponde a uma letra escrita.

[...] é utilizada em situações em que não se tem certeza se o interlocutor conhece um dado sinal, quando não há um sinal para o termo correspondente em português presente no discurso, para nomes de pessoas, para apresentar um novo sinal ou um novo conceito etc. (OLIVEIRA-SILVA; CHAVEIRO, 2017, p. 124).

Diante do exposto, pode-se perceber a relação entre Libras e Língua Portuguesa, no que diz respeito à interação e interferência<sup>38</sup> que podem ocorrer entre elas. Para que possamos compreender isso, nos baseamos em estudos que possam evidenciar como é esta relação de línguas do sujeito surdo.

As autoras Oliveira-Silva e Chaveiro (2017) trazem algumas contribuições em relação à influência que a Libras sofre da Língua Portuguesa. Sob uma concepção da translíngua, elas traçam uma análise da escrita de duas surdas, em que esta influência pode ser perceptível. Segundo as autoras, a concepção da translíngua é entendida como diversas práticas discursivas em que os indivíduos bilíngues participam a fim de significar seus modos bilíngues.

É notória essa interferência do Português na Libras e vice-versa, quando em contato com surdos sinalizantes, as trocas no momento da escrita para se referir às palavras ou sentenças são perceptíveis. Até mesmo em ouvintes sinalizantes pode-se perceber a influência do Português, pois tentam sinalizar na sequência de sua língua de origem, levando a fazer o que denominamos Português sinalizado, algo que não é muito aceito pelos sinalizantes: “o uso do português sinalizado tem sido alvo de muitas críticas” (AUDREI, 2009, p. 33).

Quando o ouvinte sinalizante tenta reproduzir os sinais exatamente na sequência e estrutura da Língua Portuguesa, ou seja, sinaliza palavra por palavra, deixando de lado a estrutura gramatical da Libras, este realiza uma sequência de sinais que aos sinalizantes fica difícil compreender. Além disso, está ferindo as regras sintáticas da Libras.

Para melhor compreendermos a respeito da estrutura da Libras e o que vem a ser o Português sinalizado, observemos o exemplo de uma sentença. Em português, se diz “o menino também subiu na árvore” e, em Libras, essa sentença pode ser dita da seguinte forma: “PESSOA – SUBIR – ÁRVORE” (LACERDA; SANTOS, 2013). Se utilizarmos esse mesmo exemplo no Português sinalizado, seria dessa forma: MENINO – TAMBÉM – ÁRVORE SUBIR.

A sinalização em Libras se difere completamente da estrutura da Língua Portuguesa, pois se trata de modalidade e línguas distintas, e a interferência de uma na outra é possível de ser percebida entre alguns de seus usuários. Sousa e Quadros

<sup>38</sup> Vale ressaltar que são poucos os estudos que tratam dessa relação de interferência entre Libras e Língua Portuguesa (OLIVEIRA-SILVA; CHAVEIRO, 2017).



(2012) também apresentam uma análise sobre esse assunto. As autoras utilizam o conceito “alternância de línguas”, que é quando ocorre essa sobreposição de uma língua na outra, e especificam que “a alternância de línguas envolvendo uma língua oral e uma língua de sinais ocorre quando se para de falar e se alterna para sinalizar em uma língua de sinais” (SOUSA; QUADROS, 2012, p. 3).

As pesquisas relacionadas à alternância na língua de sinais são recentes, assim como os estudos de duas línguas com modalidades diferentes e, para se referir a este tipo de bilinguismo, usa-se o termo intermodal. O bilinguismo unimodal refere-se a línguas de uma mesma modalidade e o intermodal trata de línguas de modalidades diferentes, como a Libras (espaço-visual) e a Língua Portuguesa (oral auditiva).

Os sujeitos bilíngues intermodais fazem o uso da alternância quando não conseguem expressar em sua segunda língua alguma informação. Existem também outros fatores que levam ao uso dela, como demarcar identidade, criar ênfase, estabelecer mudança de tópicos, restrições na modalidade, dentre outros. “No momento das refeições, por exemplo, quando se está de boca cheia, ou em lugares muito ruidosos, foi observado que bilíngues intermodais alternam da língua oral para a língua de sinais” (SOUSA; QUADROS, 2011, p. 5).

É comum encontrarmos sinalizantes que, em alguns momentos, fazem o uso dessa alternância, por vezes em alguns lugares onde estão distantes ou em situações em que a sinalização se torna mais adequada ao momento. Quando não se encontra uma forma de expressar em Libras alguma ideia, usa-se dessa alternância e o mesmo ocorre quando se está falando em português e não se encontram as palavras exatas para expressar.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As interferências da Língua Portuguesa na Libras, ou alternâncias, são visíveis em sinalizantes em momentos de conversas informais ou até mesmo em contextos em que apresentam certa dificuldade em se expressarem na língua a qual escolheram usar naquele momento.

Da mesma forma, como visto nos estudos desenvolvidos por Sousa e Quadros (2011, p. 7), quando apontam que “o contexto com a presença de surdos e ouvintes favorece a decisão da Lu em usar ambas as línguas simultaneamente, ou seja, com



as línguas sobrepostas”, é possível em nossa prática perceber como essa alternância é forte em momento de conversação, quando surdos e ouvintes estão em contato.

Pode-se considerar, a partir dos estudos bibliográficos e dos exemplos em contextos de vivência do uso da língua de sinais, que as interferências citadas por alguns autores com outros termos são recorrentes no uso da Libras e da Língua Portuguesa. Essas alternâncias e trocas de línguas, mesmo sendo de modalidades diferentes, ocorrem de forma natural, pois em determinados momentos a língua a qual é de origem surge interferindo nos discursos, assim como a segunda língua ganha espaço em contextos onde os discursos são enunciados entre pares linguísticos e, na falta de encontrar termos que expressem as informações ou no momento em que surge uma posição de identidade linguística, ainda que de maneira indireta, recorreremos ao uso de outra língua.

Em relação à alternância – interferência da Libras na Língua Portuguesa e vice versa – faz-se necessário mais estudos que tratem de línguas com modalidades diferentes, que podem ser produzidas de maneira simultânea. Além disso, as pesquisas sobre interferência ou alternância sempre estiveram focadas nas línguas orais. Neste texto, nos propusemos de forma sucinta a buscar compreender essas alternâncias e percebê-las na prática linguística. É importante ressaltar que, neste texto, explora-se de forma breve a temática e, para obtermos dados mais consistentes, seriam necessários estudos mais aprofundados.

## REFERÊNCIAS

CHAVEIRO, N; OLIVEIRA-SILVA, C. M. A influência da língua portuguesa na produção da Libras na perspectiva de translanguagem, **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 120-138, 2017.

LACERDA. C. B. F; SANTOS, L. F. **Tenho um aluno surdo e agora?** Introdução a Libras e educação de surdos. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2013.

SOUSA, A. N; QUADROS. R. M. Uma análise do fenômeno “alternância de línguas” na fala de bilíngues intermodais (Libras e Português). **Rev. Virtual Estud. Ling.** [S. l.], v. 10, n. 19, p. 329–346, 2012. Disponível em:  
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3874247/pdf/nihms447799.pdf>.  
Acesso em: 3 jan. 2023.



## CORPORALIDADE E FORMAÇÃO DE INTÉRPRETES DE LIBRAS: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DO DESEMPENHO DISCENTE

Cauê Jucá Ferreira Marques<sup>39</sup>

Raquece Mota Honório Cruz<sup>40</sup>

### RESUMO

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, *campus* Acopiara, oferta o curso Técnico Subsequente em Tradução e Interpretação de Libras desde agosto de 2022. Com duração de 3 (três) semestres que integralizam 1200 (mil e duzentas) horas-aula, o curso tem como um de seus objetivos específicos “Propiciar a aquisição de conhecimentos de base científica, técnica e humanística, direcionados para a área de Tradução e Interpretação de Libras” (IFCE, 2022, p. 46). Reconhecendo que a Libras é uma língua de modalidade visual-espacial, que se articula por meio do corpo (GESSER, 2012), o Projeto Político Pedagógico (PPC) do curso prevê a oferta, em seu primeiro semestre, do componente curricular “Corpo, Cultura e Movimento”, que objetiva a compreensão da importância das expressões corporais para a sinalização na Libras e, para tanto, contempla atividades de corporalidade, consciência corporal, psicomotricidade, dança e musicalização. Este trabalho, caracterizado como relato de experiência, tem como objetivo descrever as estratégias didáticas e metodológicas adotadas no semestre 2022.2 para a disciplina em questão, bem como a(s) proposta(s) de avaliação do desempenho discente, a serem sistematizadas após o encerramento do componente curricular e divulgadas em estudos complementares. Espera-se que os discentes apresentem desempenho satisfatório e que as discussões e/ou reflexões apontadas neste estudo contribuam positivamente com experiências de ensino que, de algum modo, dialoguem com as discussões ora (e futuramente) apresentadas.

**Palavras-chave:** formação de intérpretes; formação de tradutores; corporalidade; Libras.

### 1 INTRODUÇÃO

O Curso Técnico em Tradução e Interpretação de Libras do IFCE, *campus* Acopiara, em consonância com a Legislação Educacional e com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), tem como objetivo:

Formar um profissional com competência técnica, humanística e ética para desempenhar suas atividades profissionais com elevado grau de responsabilidade social, em todo e qualquer espaço onde haja a necessidade de **garantir às pessoas surdas o acesso à comunicação** em sua plenitude, exercício indispensável para a sua cidadania (INSTITUTO FEDERAL DE

<sup>39</sup> Professor de Libras – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – *campus* Acopiara, e-mail: caue.juca@ifce.edu.br.

<sup>40</sup> Professora de Libras e Coordenadora do Curso Técnico Subsequente em Tradução e Interpretação de Libras – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – *campus* Acopiara, e-mail: raquece.cruz@ifce.edu.br.

EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ CAMPUS ACOPIARA,  
2022, p. 46, grifo nosso).

A garantia do acesso à comunicação a pessoas surdas exige a atuação técnica de um profissional capaz com “base científica, técnica e humanística, direcionados para a área de Tradução e Interpretação de Libras” (*Ibid.*, p.47). Para atingir esses objetivos, o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) estabelece duração de 1 (um) ano e meio – 3 (três) semestres –, que integralizam 1200 (mil e duzentas) horas-aula divididas em 21 (vinte e uma) disciplinas, entre elas a denominada “Corpo, Cultura e Movimento” (*Ibid.*, p. 55). A ementa da disciplina pode ser observada no Quadro 1:

### Quadro 1 – Ementa da disciplina Corpo, Cultura e Movimento

#### EMENTA

Observar, criar, reproduzir e analisar práticas corporais e linguagem corporal. Realizar a integração grupal através da comunicação, recuperar e desenvolver a espontaneidade, o sentido de humor e do lúdico. Desenvolvimento dos cinco sentidos e suas relações com o movimento corporal. Relação do corpo com o ambiente. O corpo fala.

Fonte: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará *campus* Acopiara (2022).

A leitura do Quadro 1 pode originar algumas inquietações, entre elas: i) Qual a relação teórico-prática entre a Libras e o programa da disciplina? ii) Se as Expressões Corporais e Faciais (ou Expressões Não Manuais) são componentes linguísticos/gramaticais, qual a necessidade de uma disciplina voltada à corporeidade em um curso em que há componentes curriculares relacionados aos estudos gramaticais da Libras?

Para responder ao questionamento (i), recorreremos a Gesser (2012), que destaca a modalidade visual-espacial da Libras, ou seja, uma língua cujo canal de articulação é o espaço por meio do corpo e cujo canal de recepção é visual. Assim, sob a ótica do currículo, que garante a autonomia docente na organização e planejamento do componente, esperamos aplicar esses conceitos gerais da corporeidade à sinalização e, principalmente, à interpretação e tradução para a Libras.

Já em relação ao questionamento (ii), Gomes e Benassi (2015, p. 222) argumentam que:

A linguagem corporal e a expressão facial são de suma importância na comunicação em LIBRAS, pois é o recurso que o sinalizador utiliza, por meio do corpo e da face, para dar entonação ao seu discurso. Embora pareça ser simples e alguns estudos demonstrem ser de fácil entendimento para a maioria das pessoas, a linguagem corporal e a expressão facial na língua de sinais precisam ser estudadas em seus segmentos e estruturas gramaticais,

para que sejam definidas as intenções e que haja a comunicação (GOMES; BENASSI, 2015, p. 222).

Diante do exposto, este estudo, caracterizado metodologicamente como relato de experiência – em andamento – tem como objetivo apresentar as escolhas didáticas e metodológicas adotadas no semestre 2022.2 para a disciplina Corpo, Cultura e Movimento, com ênfase no desenvolvimento de práticas corporais coerentes às particularidades linguísticas da Libras e, sobretudo, da formação profissional do Tradutor e Intérprete de Libras.

## 2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2015), caracterizando um relato de experiência (SEVERINO, 2017). As vivências tiveram início em agosto de 2022 (dois mil e vinte e dois) e têm previsão de término para fevereiro de 2023 (dois mil e vinte e três). O Componente Curricular de que trata o estudo em tela tem carga-horária total de 40h, divididas em encontros semanais com 2h de duração (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ CAMPUS ACOPIARA, 2022).

O estudo divide-se em três etapas, a saber: i) planejamento da disciplina (concluída parcialmente<sup>41</sup>); ii) curso, ou seja, o andamento dos encontros (aulas) e avaliação contínua do desempenho discente (em andamento); iii) análise dos dados (prevista).

## 3 PLANEJAMENTO DO COMPONENTE CURRICULAR

Considerando os objetivos específicos da disciplina, bem como o Conteúdo Programático previsto em seu Programa de Unidade Didática (PUD), recorreremos a Passos (2012, s.p.), que defende que:

[...] o planejamento numa perspectiva crítica, mais do que uma previsão técnica de objetivos, conteúdo, metodologia e avaliação, implica numa tomada de posição sobre a educação e o ensino, para, a partir de então, organizar a ação no sentido pretendido.

---

<sup>41</sup> Utilizamos o termo “parcialmente”, pois o planejamento não é estático, mas flexível. Ou seja, apesar do planejamento do Componente ter sido elaborado, é possível, previsível e “saudável” que haja modificações decorrentes de necessidades, anseios ou até mesmo do desempenho discente (PASSOS, 2012).



Assim, os objetivos, os conteúdos e a abordagem didática (a ser) adotada no Componente Curricular foram (co)relacionadas na Tabela 1.

**Tabela 1 – Relação entre Objetivos, Conteúdos, Abordagem e Avaliação da Aprendizagem**

Etapa	Objetivo Específico	Conteúdo Programático	Abordagem	Avaliação da Aprendizagem
Primeira Etapa (N1)	- Analisar a cultura corporal e as diferentes formas de manifestação na sociedade.	Corpo e movimento. Dança. Danças africanas; danças indígenas. Cultura brasileira.  Relação do corpo com o ambiente  O uso dos cinco sentidos e a relação com o movimento corporal.	Fundamentos da Psicomotricidade  <i>Exposição dialogada com leitura e discussão de imagens</i>	Atividade teórica: conceitos e reflexões
			Corpo, Movimento e Psicomotricidade  <i>Exposição dialogada com práticas corporais intercaladas</i>	Atividade prática em Libras: produção de vídeo com linguagem corporal livre
			Dança, corpo e movimento  <i>Experimentação corporal</i>	
			Cultura Brasileira  <i>Exposição dialogada</i>	
			Musicalização  <i>Oficina com profissionais da música</i>	
			Experimentação: cinco sentidos  <i>Experimentação com registros fotográficos e audiovisuais</i>	
			Segunda Etapa (N2)	- Compreender a importância das expressões corporais para a sinalização na Libras;  - Praticar movimentos corporais por meio de dança e jogos lúdicos.
Sintaxe Espacial (introdução)  <i>Análise de vídeos e posterior discussão</i>	(Re)gravação de traduções com ênfase no corpo e movimento			
Fundamentos da Tradução Cultural	Mediação de dinâmicas			



			<i>Exposição dialogada seguida de oficina</i>	corporais (em equipes)
--	--	--	---	------------------------

Fonte: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará *campus* Acopiara (2022) – adaptado.

Para atingir os objetivos previstos, bem como para consonar com a abordagem metodológica do docente responsável pela disciplina no semestre corrente, serão adotadas as Metodologias Ativas (MORÁN, 2015) e a avaliação será pautada na Avaliação da Aprendizagem e na Avaliação Mediadora (LUCKESI, 2015; HOFFMAN, 2014).

#### 4 CONSIDERAÇÕES SEMIFINAIS

Diante do exposto, espera-se que os discentes apresentem desempenho satisfatório no que tange aos objetivos (ocultos<sup>42</sup>) da disciplina, quais sejam: i) recuperar o senso de humor; ii) desmistificar as expressões faciais como elementos caricaturais e as ressignificar como marcas linguísticas e gramaticais das Línguas de Sinais; iii) aplicar as discussões teóricas em contextos reais de sinalização e tradução.

Temos, portanto, a expectativa de, concluídas as etapas (i) e (ii) descritas na metodologia, publicarmos um trabalho complementar de caráter investigativo sobre os resultados observados nas produções e no desempenho discente, com o objetivo de divulgar as ações desenvolvidas, seus êxitos e suas falhas, além de instrumentalizar a reflexão sobre a prática a fim de otimizar, mais ainda, futuras experiências não apenas na disciplina Corpo, Cultura e Movimento, mas em todas aquelas que, de algum modo, dialoguem com as discussões ora (e futuramente) apresentadas.

#### REFERÊNCIAS

GESSER, A. **Libras**: que língua é essa? São Paulo: Parábola, 2012.

GOMES, L. D.; BENASSI, C. A. Linguagem corporal e expressão facial aplicada a Língua brasileira de sinais – Libras. **Revista Diálogos**: linguagens em movimento, v. 3, n. 1, jan./jun. 2015.

HOFFMANN, J. **Avaliação Mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. 34. ed. São Paulo: Mediação, 2014.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ CAMPUS ACOPIARA. **Projeto Pedagógico do Curso Técnico Subsequente em**

<sup>42</sup> Objetivos complementares definidos pelo docente em acordo com a turma em aula realizada em 01/09/2022.

**Tradução e Interpretação de Libras.** Acopiara: IFCE, 2022. Disponível em: <https://ifce.edu.br/instituto/documentos-institucionais/resolucoes/2022/anexo-resolucao-18.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2023.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem:** componente do ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2015.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa Social:** Teoria, Método e Criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MORÁN, J. Mudando a Educação com Metodologias Ativas. *In:* SOUZA, C. A.; MORALES, O. E. T. (org.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania:** aproximações jovens. Ponta Grossa: PROEX/UEPG, 2015.

PASSOS, C. M. B. Planejamento de Ensino: para além do burocraticismo. *In:* MORAES, Silvia Elizabeth; ALBUQUERQUE, Luís Botelho (org.). **Estudo em Currículo e Ensino:** concepções e práticas. Campinas: Mercado das Letras, 2014.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 2017.



## POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS PARA O SURDO NO ANTEPROJETO DO NOVO CÓDIGO DE PROCESSO PENAL

Valdemberg Alves Nobre.<sup>43</sup>

### RESUMO

A sociedade é um conjunto heterogêneo de grupos sociais, por vezes existindo relações de poder desiguais em que um grupo exerce dominância em relação a outro. Essa é a realidade das comunidades surdas no Brasil, onde ocorre uma perpetuação de estruturas preconceituosas contra esse grupo estigmatizado. Convém destacar que ocorreram conquistas, fruto de lutas por reconhecimento e igualdade, por parte dessa comunidade ao longo do tempo, em especial nos avanços legislativos no Estado brasileiro. Entretanto, é indiscutível que falta muito para garantir os direitos dessa comunidade na justiça. O objetivo deste trabalho é refletir sobre as consequências da atual redação do anteprojeto do Novo Código De Processo Penal, criado pelo Grupo de Trabalho Ato do Presidente de 10/06/2021, para a comunidade surda. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental com abordagem qualitativa, baseada na consolidação atual do anteprojeto e em artigos que versem sobre matérias correlatas. Os resultados, de caráter temporário, apontam os benefícios que os dispositivos deste anteprojeto possuem, capazes de possibilitar mais justiça aos indivíduos surdos. Conclui-se que mais estudos devem ser realizados na área e que deve existir maior participação de entidades e grupos representantes dos interesses da comunidade surda na elaboração de um novo Código de Processo Penal, influenciando a redação no que for de seu interesse.

**Palavras-chave:** direito; surdez; interrogatório; intérprete; anteprojeto do novo código de processo penal.

### 1 INTRODUÇÃO

Falar sobre fenômenos sociais é falar sobre a diferença, sobre relacionamentos dialéticos entre grupos sociais heterogêneos. A forma como essas relações ocorrem são, por vezes, desiguais, onde um grupo dominado se encontra sob o mandato de outro grupo dominante, através do poder institucionalizado. Não só isso, a desigualdade social é vista, através do pensamento weberiano, “como resultado da distribuição desigual de poder nas relações sociais” (VÉRAS, 2014, p. 190). Essa realidade infelizmente esteve e continua presente na experiência das comunidades surdas ao redor do mundo, e o Brasil não é exceção.

Para tanto, basta verificar a história moderna da educação de surdos, comumente dividida em três momentos: Revelação cultural, Isolamento cultural e O despertar cultural (STROBEL, 2009, p. 12). O primeiro é descrito como o período onde

<sup>43</sup> Centro Universitário Paraíso (UniFAP), e-mail: valdembergnobre@gmail.com.



os surdos não tinham tantas barreiras à educação, sob os princípios de igualdade e liberdade formais advindos da revolução francesa. O Isolamento cultural refere-se a uma quebra de paradigma. O evento marcante aqui é o Congresso de Milão de 1880, no qual linguistas e profissionais da educação de surdos decidem que o melhor método para ensinar aqueles é o oralismo puro.

Nesse método, o aluno surdo era forçado a aprender a fala oral e a escrita da mesma, sendo inclusive proibido de aprender ou comunicar-se em língua de sinais. A motivação na implementação do Oralismo Puro no Brasil foi, segundo Soares, a ausência do letramento dos ouvintes, pois “aprender a falar era mais importante que o aprender a ler e escrever, já que o Brasil era um país de analfabetos” (1999, p. 74).

Por fim, na década de 60, ocorre um “renascimento na aceitação da língua de sinais e cultura surda após muitos anos de opressão ouvintista” (STROBEL, 2009, p. 12). Começam as pesquisas demonstrando que as línguas de sinais possuem todas as características linguísticas comuns a qualquer linguagem, classificando-as como línguas naturais (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30).

Com base nesse trajeto é possível perceber que são as estruturas sociais e o processo histórico que perpetuam essa desigualdade de poder e condições na comunidade surda em relação à maioria ouvinte, embora seja inegável o avanço recente realizado para diminuir essa desigualdade. É nesse contexto que as mudanças legislativas se inserem, pois “a ordem jurídica influi sobremaneira na distribuição do poder” (VÉRAS, 2014, p. 190).

Assim, cabe verificar as novas propostas legislativas que afetam a vida do surdo e garantem a igualdade formal e material perante a justiça, a fim de evitar que os preconceitos continuem imperando na redação das leis e nas práticas dos operadores do direito. Foi com base nisso que o presente trabalho teve por objetivo refletir sobre as consequências para a comunidade surda da atual redação proposta para o anteprojeto do Novo Código de Processo Penal, criado pelo Grupo de Trabalho instituído pelo Ato do Presidente de 10/06/2021 na Câmara de Deputados (BRASIL, 2022).

## 2 METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental com abordagem qualitativa, baseada na consolidação atual do anteprojeto e em artigos que afetem os



direitos do surdo no processo penal. Em especial, foi avaliado o art. 95 que versa sobre o “interrogatório de pessoa com deficiência relativa à comunicação”, trazendo inclusive sobre o direito à assistência de intérprete de Libras. Além disso, foi usado o Código de Processo Penal vigente para efeito de comparações, e legislações correlatas que tratam de matérias pertinentes ao objetivo do trabalho.

### 3 DESENVOLVIMENTO

O Código de Processo Penal vigente, que surgiu através do Decreto-lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941, possui algumas disposições no que diz respeito aos sujeitos do processo que possuam algum tipo de deficiência. No caso do art. 192. existe a seguinte redação:

O interrogatório do mudo, do surdo ou do surdo-mudo será feito pela forma seguinte:

I - ao surdo serão apresentadas por escrito as perguntas, que ele responderá oralmente;

II - ao mudo as perguntas serão feitas oralmente, respondendo-as por escrito;

III - ao surdo-mudo as perguntas serão formuladas por escrito e do mesmo modo dará as respostas.

Parágrafo único. Caso o interrogando não saiba ler ou escrever, intervirá no ato, como intérprete e sob compromisso, pessoa habilitada a entendê-lo (BRASIL, 1941).

Cabe definir antes o que é interrogatório no processo penal. Eugênio Pacelli descreve o interrogatório como “meio de defesa, incluído na denominada autodefesa, que consiste no desenvolvimento de qualquer ato ou forma de atuação em prol dos interesses da defesa” (2021, p. 77). Assim, o interrogatório diz respeito ao momento em que o réu no processo penal se identifica e responde às perguntas que quer (pode exercer o direito de não produzir provas contra si) e manifesta-se sobre a acusação que recai sobre ele.

No caso do réu surdo, o código vigente prevê que primeiro deve ser avaliado se o réu é letrado na língua portuguesa e consegue comunicar-se de forma oral, situação em que as perguntas serão feitas de forma escrita, mas as declarações por ele prestadas serão orais. No caso de réu “surdo-mudo”, a lei informa que será feito tanto as perguntas como as respostas por escrito. Somente após checar o letramento em português do réu surdo, é que o parágrafo único do mesmo art. 192. diz que “Caso o interrogando não saiba ler ou escrever, intervirá no ato, como intérprete e sob compromisso, pessoa habilitada a entendê-lo”. Curiosa a redação desse parágrafo

único, pois o art. 193 fala algo semelhante, ao dizer que “Quando o interrogando não falar a língua nacional, o interrogatório será feito por meio de intérprete”.

A redação atual desses artigos data de 2003, mas possui quase a mesma escrita do original de 1941. Nesse período, como foi apontado, as políticas de inclusão e reconhecimento do surdo eram inexistentes e reproduziam pensamento ouvintista. Pode-se depreender ao ler os artigos 192 e 193 que o legislador não entendia a língua de sinais como língua autônoma, senão teria suprimido o art. 192, parágrafo único, pois o art. 193 já trata, de forma ampla, dessa situação. Além disso, o art. 192 indiretamente demonstra a ideologia da oralidade pura, pois prevê primeiro a checagem se o surdo consegue falar, ou entender a língua portuguesa escrita, e só depois, em caso negativo, prevê intérprete para realizar o ato. Quando comparado com o artigo equivalente proposto para o anteprojeto do Novo Código de Processo Penal, é possível ver o cuidado na redação deste:

Art. 95. No interrogatório de pessoa com deficiência relativa à comunicação será assegurado o direito à assistência por pessoa habilitada a entendê-la ou que domine a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Parágrafo único. Desde que preservada a dignidade da pessoa com deficiência e a efetividade do ato, não sendo possível a realização do procedimento nos termos do caput, o interrogatório poderá ser feito mediante perguntas e/ou respostas por escrito (BRASIL, 2022).

É fácil notar as diferenças nítidas nas previsões que o dispositivo legal acima possui em relação ao art. 193 da lei vigente. A primeira está na forma a que ampara todas as “pessoas com deficiência relativa à comunicação”, incluído aqui o surdo e outros grupos que ao longo das décadas reivindicam tratamento igual e acessibilidade nos diferentes ambientes. Além disso, o código faz expressa referência àqueles que utilizam a Libras como idioma para se comunicar, permitindo que o interrogando primeiramente possa optar por usar a Libras, independente se domina também o português. Por fim, é permitido, desde que respeitada a garantia fundamental da dignidade da pessoa humana, realizar os procedimentos acima por escrito. Essa redação permite que o sujeito surdo decida, conforme suas possibilidades, se deseja ser interrogado em Libras, mesmo que seja letrado em português.

Há uma continuidade do Despertar cultural, iniciado na década de 60 no mundo e no Brasil nos anos 80 e 90, fruto da resistência da comunidade surda e apoiadores às políticas ouvintistas, além de novas pesquisas sobre a Libras como língua natural. Há nesse período inicial dos anos 2000 diversas legislações infraconstitucionais que

garantem e promovem a Libras como idioma legal e apto na comunicação oficial, com destaque para Lei nº 10.436/2002, e inserção na política nacional de educação e de garantias de acessibilidade trazidas com a Lei nº 10.098/2000, a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e do Estatuto da Pessoa com deficiência (XAVIER; DA SILVA, 2017).

Todas essas mudanças legislativas influenciaram na forma como a proposta de anteprojeto do Novo Código de Processo Penal foi escrito no que diz respeito aos direitos dos surdos, a fim de garantir sempre um tratamento justo. Essas alterações legislativas reforçam a política existente no Brasil a partir dos anos 2000, chamada de educação bilíngue, onde é proporcionado o aprendizado de Libras ao surdo e para aqueles que convivem com ele, e juntamente na sua educação formal se aplica o ensino de português, mas como segunda língua. Isso possibilita inúmeros benefícios ao sujeito surdo, possibilitando inclusive uma expressividade maior na comunicação (FERNANDES, 2012, p. 104). Quanto a outros temas que a proposta do novo código pode trazer, o procedimento de interrogatório do art. 95 serve também para quando o surdo for convocado como testemunha, podendo assim exercer deveres sociais e contribuir no devido processo legal e na concretização da justiça.

#### 4 CONCLUSÕES

É evidente que uma mudança legislativa tão importante para o ordenamento jurídico pátrio quanto um novo Código de Processo Penal deve ser bem debatida e redigida. Esse processo deve, portanto, conter dispositivos que pensem como serão afetados os diferentes grupos que compõem a sociedade, e isso inclui necessariamente a comunidade surda.

Ficou evidente pelo trabalho que a atual redação da proposta de anteprojeto do Novo Código de Processo Penal parece evitar ideias advindas do “oralismo puro”, e nessa linha é notável a diferença que o mesmo toma em relação ao Código de Processo Penal vigente. A proposta escrita pelo Grupo de Trabalho criado pelo Ato do Presidente de 10/06/2021 da Câmara dos Deputados indica uma relação com a política de bilinguismo em relação à educação de surdos. Isso se insere no pensamento mencionado inicialmente, onde a estrutura do ordenamento jurídico é capaz de mudar a distribuição de poder e dessa forma tornar mais equitativa, justa e harmônica a vida em sociedade (VÉRAS, 2014, p. 190).

Entretanto, são necessários mais estudos sobre o impacto do projeto, combinado de uma participação da comunidade surda na redação da nova lei se achar necessário. Isso se deve ao fato de que os sujeitos destinatários da norma legal têm direito a influenciar na forma como essa norma é escrita. Em um Estado democrático de direito, sempre que possível, deve-se permitir o diálogo saudável. O trabalho aqui realizado alcançou seu objetivo na medida em que tanto produz resultados como também incentiva novos estudos sobre as possíveis consequências advindas de mudanças legislativas para as comunidades surdas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941. Código de Processo Penal. **DOU**, Brasília: Senado Federal, 3 out. 1941. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del3689compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3689compilado.htm). Acesso em: 3 jan. 2023.

BRASIL. **Grupo de Trabalho – Novo código de processo penal**. Grupo de Trabalho criado pelo Ato do Presidente de 10/06/2021, com o propósito de elaborar anteprojeto de um novo Código de Processo Penal. Anteprojeto do novo código de processo penal. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/grupos-de-trabalho/56a-legislatura/gt-anteprojeto-do-novo-codigo-de-processo-penal/documentos/U.TEXTOCONSOLIDADOGERALCautelaresReais.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2023.

FERNANDES, S. F. **Educação de surdos**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

PACELLI, E. **Curso de processo penal**. 25. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOARES, M. A. L. **A educação do surdo no Brasil**. Campinas: EDUSF, 1999.

STROBEL, K. **História da educação de surdos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Disponível em: [https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificahistoriaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase\\_HistoriaEducacaoSurdos.pdf](https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificahistoriaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf). Acesso em: 3 jan. 2023.

VÉRAS, M. P. B. A perspectiva da sociologia compreensiva: Max Weber. In: VÉRAS, M. P. B. **Introdução a Sociologia: Marx, Durkheim e Weber, Referências Fundamentais**. São Paulo: Paulus, 2014.

XAVIER, M. N. R.; DA SILVA, P. F. Língua brasileira de sinais: marcos legais e definições teóricas. **Congresso Interinstitucional Brasileiro de Educação Popular e do Campo - CIBEPOC**, Catalão, v. 1, p. 979-991, 2017. Disponível em: <https://congressos.sistemasph.com.br/index.php/cibepoc/cibepoc2017/paper/viewFile/82/118>. Acesso em: 3 jan. 2022.

